



# X CIFIP

Congresso Internacional de  
Filosofia e Psicanálise

**Entre a trama e o movimento:  
para onde vai a Filosofia da Psicanálise?**

## **CADERNO DE RESUMOS**

Reitor

Marcelo Augusto Santos Turine

Vice-Reitora

Camila Celeste Brandão Ferreira Ítavo

Obra aprovada pelo CONSELHO EDITORIAL DA UFMS, RESOLUÇÃO Nº 227-COED/AGECOM/UFMS, DE 28 DE MAIO DE 2024.

Conselho Editorial:

Rose Mara Pinheiro - Presidente

Elizabeth Aparecida Marques

Alessandra Regina Borgo

Maria Lígia Rodrigues

Macedo Andrés Batista Cheung

Adriane Angélica Farias Santos Lopes de Queiroz

Fabio Oliveira Roque

William Teixeira

Paulo Eduardo Teodoro

Ronaldo José Moraca

Delasnieve Miranda Daspert de Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Diretoria de Bibliotecas – UFMS, Campo Grande, MS, Brasil)

---

Congresso Internacional de Filosofia e Psicanálise (10. : 2023 : Campo Grande, MS)

Congresso Internacional de Filosofia e Psicanálise [recurso eletrônico]: entre a trama e o movimento: para onde vai a Filosofia da Psicanálise? : caderno de resumos / organizadores, Aline Sanches, Weiny César Freitas Pinto. -- Campo Grande, MS : Ed. UFMS, 2024.

90 p.

Anais contendo a programação e os resumos dos trabalhos apresentados no Congresso Internacional de Filosofia e Psicanálise (X CIFIP), de 13 a 17 novembro de 2023.

Baseado em vol. 1, n. 1, jun. 2024.

Dados de acesso:

<https://repositorio.ufms.br/Índice>: p.89-90

ISBN 978-85-7613-657-6

1. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Congressos. 2. Pesquisa – Mato Grosso do Sul - Congressos. 3. Psicanálise. 4. Psicanálise e filosofia. 5. Psicanálise e política. 6. Psicanálise – História e crítica – Teoria. I. Sanches, Aline. II. Pinto, Weiny César Freitas.

CDD (23) 616.891 7

---

Bibliotecária responsável: Tânia Regina de Brito – CRB 2.395

**X Congresso Internacional de Filosofia e Psicanálise**  
*Entre a trama e o movimento: para onde vai a filosofia da  
psicanálise?*

**13 a 17 de novembro de 2023**  
**UFMS, Campo Grande/MS, Brasil**

## **CADERNO DE RESUMOS**

**Organizadores:**  
**Aline Sanches**  
**Weiny César Freitas Pinto**

**Campo Grande - MS**  
**2024**



© dos organizadores:  
Aline Sanches  
Weiny César Freitas Pinto

1ª edição: 2024

Projeto Gráfico, Editoração Eletrônica  
BeMaker Indústria Criativa

Revisão  
A revisão linguística e ortográfica é de  
responsabilidade dos autores

A grafia desta obra foi atualizada conforme o Acordo Ortográfico da  
Língua Portuguesa, de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 1º de  
janeiro de 2009.

Direitos exclusivos para esta edição:



Secretaria da Editora UFMS - SEDIT/AGECOM/UFMS  
Av. Costa e Silva, s/nº - Bairro Universitário Campo Grande -  
MS, 79070-900 Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Fone: (67) 3345-7203  
e-mail: sedit.agecom@ufms.br

Editora associada à:



ISBN: 978-85-7613-657-6  
Versão digital: Junho de 2024.

EDITAL AGECOM Nº 03/2024  
SELEÇÃO DE PROPOSTAS DE MATERIAIS DE DIVULGAÇÃO TÉCNICO-  
CIENTÍFICA PARA PUBLICAÇÃO PELA EDITORA UFMS - FLUXO CONTÍNUO

**X Congresso Internacional de Filosofia e Psicanálise**  
***Entre a trama e o movimento: para onde vai a filosofia da***  
**psicanálise?**

**13 a 17 de novembro de 2023**  
**UFMS, Campo Grande/MS, Brasil**

**CADERNO DE RESUMOS**

**VOL. 1, N.1, Junho de 2024**

**GT FILOSOFIA E PSICANÁLISE DA ANPOF**

**Coordenador:** Weiny César Freitas Pinto (UFMS)

**Vice-coordenadora:** Aline Sanches (UEM)

**Comissão Científica:**

Aline Sanches (UEM)  
Ana Carolina Soliva Soria (UFSCar)  
André Medina Carone (UNIFESP)  
Carlota Ibertis (UFBA)  
Caroline Vasconcelos (UESB)  
Cláudia Murta (UFES)  
Daniel Omar Perez (UNICAMP)  
Eduardo Fonseca (PUCPR)  
Eder Soares Santos (UEL)  
Erico Bruno Viana Campos (UNESP)  
Fátima Caropreso (UFJF)  
Fernanda Silveira Correa (UNESP)  
Francisco Verardi Bocca (PUCPR)  
Janaina Namba Pimenta (UFSCar)  
João José de Almeida (FCA - UNICAMP)  
José Miguel Bairrão (USP-RP)  
Josiane Cristina Bocchi (UNESP)  
Léa Silveira (UFLA)  
Maria Cristina Sparano (UFPI)  
Maria Vilela Pinto Nakasu (HCI)  
Sergio Fernandes (UFRB)  
Oswaldo Giacoia Júnior (UNICAMP)  
Patricia Gherovici (University of Pennsylvania, EUA)  
Patrícia Porchat Pereira da Silva Knudsen (UNESP)  
Richard Simanke (UFJF)  
Rodrigo Gewehr (UFAL)  
Suely Aires (UFBA)  
Vinicio Busacchi (Università degli Studi di Cagliari- IT)  
Prof. Dr. Weiny César Freitas Pinto (UFMS)  
Prof. Dr. Wilson Camilo Chaves (UFSJ)

**Comissão Organizadora:**

Aline Sanches (UEM)  
Amanda Malerba (UNIFESP)  
Ana Tercia Rosa Alves (UFMS)  
Bruno Marques Ibanes (UFMS)  
Caio Augusto Souto (UFAM)  
Cristian Marques (PUCRS)  
Daniel Cardoso Severo (UNITAU)  
Jonathan Postaué Marques (UFMS)  
Izabela Loner Santana (UNICAMP)  
José Henrique Parra Palumbo (UEM)  
Leonardo Italo Pessoa Ferreira Gomes (UFMS)  
Maria Eduarda Rodrigues da Silva (UFMS)  
Matheus Garcia Nunes (UFMS)  
Natasha Garcia Coelho (UFMS)  
Munique Gaio Filla (UFSCar)  
Paula Entrudo Rech (UFRGS)  
Pedro Henrique Cristaldo Silva (UFMS)  
Petra Bastone (UFRJ)  
Weiny César Freitas Pinto (UFMS)

**Realização:**

GT Filosofia e Psicanálise da ANPOF  
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul  
Universidade Estadual de Maringá

**Apoio:**

Reitoria da UFMS  
Faculdade de Ciências Humanas da UFMS  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UEM



## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>PROGRAMAÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>RESUMOS DAS CONFERÊNCIAS .....</b>	<b>20</b>
<i>Psyché, cerveau, mémoire... affectivité. Quelle est la réalité de l'inconscient?</i> Vinicio Busacchi .....	21
<i>O nascimento turbulento do outro: a experiência trans entre duas mortes.</i> Patrícia Gherovici .....	22
<b>RESUMOS DAS MESAS-REDONDAS .....</b>	<b>23</b>
<i>A linguagem do equívoco: edição e tradução da "Psicopatologia da vida cotidiana".</i> André Carone.....	24
<i>O Projeto de Freud em texto e contexto: uma análise histórico-conceitual.</i> Richard Theisen Simanke .....	25
<i>Pensar filosoficamente a Psicanálise.</i> Weiny César Freitas Pinto .....	26
<i>A prática da Psicanálise e as atitudes de alguns dos seus teóricos no caso Pasternak &amp; Orsi.</i> João José R. L. de Almeida .....	27
<i>Lacan, Nietzsche e o problema de um suposto sujeito descentrado da Psicanálise: perspectivas para o pensamento.</i> Eduardo Ribeiro da Fonseca .....	28
<i>Tramas conceituais, destinos da clínica.</i> Suely Aires .....	29
<i>Atividade, pulsão e corpo em Freud: uma análise à luz da filosofia alemã pós-kantiana.</i> Ana Carolina Soliva Soria .....	30
<i>Nos confins do inconsciente: O problema do dualismo psyché-soma.</i> Rodrigo Barros Gewehr .....	31
<i>Freud, Darwin e a História Natural.</i> Janaina Namba .....	32
<i>A psicanálise e as metafísicas canibais.</i> Aline Sanches.....	33
<i>Metafísica ameríndia e Metapsicologia freudiana.</i> Fernanda Silveira Corrêa .....	34

<i>Psicanálise da Filosofia: argumentos, enunciação e enunciados ontológicos na psicanálise lacaniana.</i> José F. Miguel H. Bairrão .....	35
<i>Da epistemologia à história: as mulheres na psicanálise.</i> Fátima Caropreso .....	36
<i>Identificações de gênero e a reorganização do pensamento teórico-clínico em psicanálise.</i> Patrícia Porchat.....	37
<i>Entrecorpos: quando as palavras penetram os corpos.</i> Claudia Murta.....	38
<i>Esquema corporal e intercorporeidade em Merleau-Ponty: uma entrada para a noção de transferência em Psicanálise?</i> Josiane Bocchi .....	39
<i>Pornô, gozo e escuta psicanalítica.</i> Maria Cristina De Távora Sparano .....	40
<b>RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES CIENTÍFICAS .....</b>	<b>41</b>
<b>MESA PSICANÁLISE LACANIANA E FILOSOFIA .....</b>	<b>42</b>
<i>As implicações entre filosofia e linguagem no ensino lacaniano nos anos 1960.</i> Izabela Loner.....	42
<i>Sobre o conceito de inconsciente: Lacan, Lévi-Strauss e Kant.</i> Luiz Fernando de Oliveira Proença .....	43
<b>MESA PSICANÁLISE, RELIGIÃO, MORAL.....</b>	<b>44</b>
<i>A religião frente ao desamparo do sujeito contemporâneo: considerações entre Freud e Feuerbach.</i> Carlos Alberto da Silva .....	44
<i>Feuerbach e a questão da religião: alienação como mecanismo de uma suposta verdade.</i> João Victor Ponciano .....	45
<i>A crítica da religião em Schopenhauer e Freud.</i> Guilherme M. Germer.....	46
<i>Medo, culpa e sede de obediência: o problema da servidão em Freud.</i> Tiago Carvalho Lombardi Tosta .....	47
<b>MESA PSICANÁLISE, FILOSOFIA E FEMININO .....</b>	<b>48</b>
<i>Mas afinal, onde está Mulher na filosofia da psicanálise?</i> Maria Eduarda Rodrigues da Silva .....	48
<i>A linguagem adequada ao “objeto” da psicanálise.</i> Thiago Rodrigo Brunassi; Ruben Artur Lemke.....	49
<b>MESA PSICANÁLISE E QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS .....</b>	<b>50</b>

<i>The Philosophy of Psychoan(im)alysis.</i> Gisle Selnes .....	50
<i>Feminist Philosophies of Radical Difference and the Lacanian Theory of Sexuation.</i> Kari Jegerstedt .....	51
<i>Introdução ao pensamento de Gananath Obeyesekere.</i> Arthur Brandolin de Souza Lemes; José Francisco Miguel Henriques Bairrão .....	52
<i>Gananath Obeyesekere e o Símbolo Pessoal.</i> Arthur Brandolin de Souza Lemes; José Francisco Miguel Henriques Bairrão .....	53
<i>A contratransferência como enodamento ético-político.</i> Jonatas Tiburtino dos Santos; Véronique Donard .....	54
<b>MESA LACAN E POLÍTICA .....</b>	<b>55</b>
<i>Alain Badiou e a Cena do Dois: a verdade da diferença.</i> Guilherme Arthur Possagnoli Freitas .....	55
<i>Noção de lei na interface entre a psicanálise lacaniana e o direito.</i> Izabella Gonçalves Costa Teixeira .....	56
<b>MESA RECEPÇÕES CONTEMPORÂNEAS DE TEORIAS PSICANALÍTICAS .....</b>	<b>57</b>
<i>Por que a teoria crítica precisa da psicanálise? O debate entre autorreflexão e teoria pulsional.</i> Paula Mariana Entrudo Rech .....	57
<i>A recepção filosófica da psicanálise na Alemanha por Carl Müller-Braunschweig.</i> Caio Padovan .....	58
<i>Teoría Crítica y psicoanálisis en Leo Löwenthal.</i> Fabrizio Fallas-Vargas .....	59
<i>Uma interpretação filosófica da psicanálise freudiana a partir da hermenêutica de Paul Ricoeur.</i> Pedro Henrique Cristaldo Silva; Jhonatan Gabriel Alves da Silva Santana .....	60
<i>O luto como categoria ético-política na filosofia de Judith Butler.</i> Petra Bastone .....	61
<b>MESA PSICANÁLISE, EPISTEMOLOGIA, CIÊNCIA .....</b>	<b>62</b>
<i>Arte e Ciência em Freud: Reflexões Epistemológicas.</i> Avair Guilherme Amaral de Carvalho .....	62
<i>Considerações teóricas de Estudos sobre a histeria: uma análise lógico-contextual.</i> João Lucas Zanchi .....	63
<i>Método e Realidade: objetividade do conhecimento a partir da psicanálise.</i> Jonathan Postau Marques .....	64

<i>Estudando o Projeto de uma psicologia de Freud: o problema dos “neurônios-chave”.</i> Samuel Estevão Vieira da Silva.....	65
<i>À mesa do desejo: da escolha deliberada ao ato desenfreado.</i> Michelle Calheiros Lima; Véronique Donard .....	66
<b>MESA MARXISMO, MATERIALISMO E PSICANÁLISE .....</b>	<b>67</b>
<i>Revisitando a relação entre psicanálise e materialismo dialético: o diálogo entre Fenichel e Reich.</i> José Henrique Parra Palumbo .....	67
<i>Autoritarismo e analidade: Análise do Caráter segundo Reich e Fromm.</i> Victor Emmanuel Urio .....	68
<i>Marcuse: o problema da civilização e a filosofia da psicanálise.</i> Felipe Ravison Pavaglio .....	69
<b>MESA RAÇA, COLONIALIDADE, INTERSECCIONALIDADE .....</b>	<b>70</b>
<i>O apagamento preto no ensino da psicanálise.</i> Yasmim da Fonseca de Souza Nantes; Elaine Cristina da Fonseca Costa Pettengill .....	70
<i>É preciso “descolonizar” a Psicanálise? Aportes para um porvir psicanalítico anticolonial a partir da poética de Aimé Césaire.</i> Caio Francisco Azevedo Souza .....	71
<i>Identidade e discurso capitalista: os laços sociais a partir das relações étnico-raciais.</i> Miguel José Camargo de Jezus.....	72
<b>MESA MASOQUISMO, PULSÃO, CIVILIZAÇÃO .....</b>	<b>73</b>
<i>Masoquismo originário e pulsão de morte.</i> Carolina de Souza Noto .....	73
<i>A pulsão e sua representação: uma investigação do segundo dualismo pulsional freudiano.</i> Gustavo Campassi Salgado.....	74
<i>Masoquismo e civilização: um exame sobre o masoquismo moral.</i> Helena Zoneti Rodrigues.....	75
<i>Pulsão de morte auf einem anderer Schauplatz.</i> Inara Luisa Marin .....	76
<b>MESA PSICANÁLISE E FENOMENOLOGIA .....</b>	<b>77</b>
<i>A criança vista pelo adulto: em que medida podemos aplicar a Psicanálise aos estudos das relações sociais para Merleau-Ponty.</i> Daniel Cardozo Severo.....	77
<i>O naturalismo de Freud como uma restrição inicial à aproximação da fenomenologia.</i> Cristian Marques .....	78
<b>MESA TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO .....</b>	<b>79</b>

<i>O conceito de meio na Psicanálise Desenvolvimentista de Bowlby no Pós Segunda-Guerra.</i> Kaira Neder.....	79
<i>Corpo e Ego na Teoria do Desenvolvimento Infantil de René Spitz.</i> Michelle Vianna Goliath; Richard Simanke .....	80
<i>Apego: Teoria Psicanalítica(?)</i> Michelle Vianna Goliath; Richard Simanke.....	81
<i>Notas sobre o conceito de Hospitalidade.</i> Amanda Malerba .....	82
<i>O Romance Familiar em Freud e Rank.</i> Ana Tércia Rosa Alves .....	83
<b>MESA QUESTÕES CLÍNICAS .....</b>	<b>84</b>
<i>Em busca da realidade das neuroses.</i> Lucas Valiati.....	84
<i>Transferência e figuração: uma possível aproximação.</i> Pedro Fernandez de Souza ....	85
<i>Reflexões psicanalíticas sobre o suicídio na idade adulta jovem (20-40 anos).</i> Elaine Cristina da Fonseca Costa Pettengill; Heloísa Bruna Grubits .....	86
<i>Eu falo...: materialismo da linguagem e satisfação sexual.</i> Davi Dias Ribeiro Arantes .....	87
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>88</b>

# APRESENTAÇÃO

## APRESENTAÇÃO

### **X Congresso Internacional de Filosofia e Psicanálise** *Entre a trama e o movimento: para onde vai a filosofia da psicanálise?*

Aline Sanches (UEM)

Weiny César Freitas Pinto (UFMS)

A Filosofia se interessa pela Psicanálise desde que esta surgiu, no início do século XX, o que já motivou inúmeras pesquisas e publicações nesse campo de intersecção. No caso específico do Brasil, as publicações *Freud: a trama dos conceitos*, de Renato Mezan, e *Freud: o movimento de um pensamento*, de Luiz Roberto Monzani, são, entre outros, dois exemplos representativos da área de investigação que denominamos muito particularmente, embora ainda sem consenso, *filosofia da psicanálise*. Com praticamente meio século de existência em nosso país, a identidade desse campo se encontra cada vez mais consolidada, instigando pesquisas sobre sua história, sua sistematização teórica e metodológica, seus limites e possibilidades.

Parte significativa dessa consolidação está relacionada ao *GT Filosofia e Psicanálise* da ANPOF, que há duas décadas de criativa e produtiva existência reúne os pesquisadores brasileiros dessa área em seu importante *Congresso Internacional*, cuja frequência é bianual. Durante os meses que antecederam a sua décima edição em 2023, foram realizadas três ações prévias, por meio de entrevistas com membros do GT sobre a história, as perspectivas e o futuro desse campo. As entrevistas foram transmitidas ao vivo pelo canal do Youtube “Grupo de Trabalho Filosofia e Psicanálise da ANPOF” e permanecem acessíveis nessa plataforma.

O X CIFIP (*Congresso Internacional de Filosofia e Psicanálise*) aconteceu entre os dias 13 e 17 de novembro em 2023, pela primeira vez no Centro-Oeste brasileiro, na cidade de Campo Grande - MS. Realizado de forma presencial, o Congresso convidou pesquisadores brasileiros e internacionais para interrogar a origem e o destino, *a trama e o movimento da filosofia da psicanálise*. Tal tema visou um duplo objetivo: além de promover uma reflexão sobre a história desse campo específico de investigação, buscou também evidenciar os múltiplos sentidos e direções que o constitui, explicitando as linhas de pesquisas já consolidadas, bem como suas possibilidades de expansão e transformação. Propôs-se olhar não apenas para seu passado, indagando onde, quando e como surgiu esse campo – no Brasil e no mundo –, mas sobretudo evidenciar suas consequências, implicações, seus problemas filosóficos mais relevantes, questionando: *para onde vai a filosofia da psicanálise?*

São inúmeros os desafios e as potencialidades de articulação entre filosofia e psicanálise, abarcando uma miríade de relações possíveis, com produções advindas de diferentes entrecruzamentos teóricos – psicanálise e epistemologia, psicanálise e política, por exemplo –, dos quais derivam as mais variadas tematizações: arqueologia da psicanálise, análise crítica da estrutura das teorias psicanalíticas, o problema da recepção filosófica da psicanálise por diferentes tradições e autores da filosofia, psicanálise e feminilidade, psicanálise e crítica social, entre tantos outros temas.

Ao longo de cinco dias de atividades, aconteceram seis mesas temáticas com 18 exposições de convidados nacionais e duas conferências de convidados internacionais (Itália e EUA). Foram apresentadas 47 comunicações científicas, de pesquisadores de todas as regiões do país e de pesquisadores da Costa Rica e da Noruega. Todas as pesquisas dão prova da potencialidade crescente e da diversidade desse campo de investigação.

Estes anais apresentam os resumos de todas as pesquisas que foram efetivamente apresentadas durante o Congresso. Optamos por não incluir os 19 resumos que foram inscritos e aprovados pela comissão científica, cujos autores não puderam comparecer no evento.

O X CIFIP ainda contou com outras atividades, como apresentações culturais, uma reunião técnica dos membros do GT e uma sessão de lançamento de livros. Duas sessões foram realizadas em localidades externas à UFMS: a Casa Quintal Manoel de Barros recebeu uma de nossas sessões temáticas e a Estação Cultural Teatro Mundo ofereceu seu espaço para o lançamento de livros. Além disso, o X CIFIP esteve presente no auditório do Bioparque Pantanal, para a solenidade de lançamento do “Fórum Estadual de Filosofia e Ciências Humanas” (FEFICH) do Mato Grosso do Sul, em celebração ao Dia Mundial da Filosofia (UNESCO). Foram muitos momentos, muitas pessoas, muitos debates, muitas trocas e muitas sementes lançadas.

O X CIFIP foi organizado pelos atuais coordenador e vice-coordenadora do GT Filosofia e Psicanálise da ANPOF, Weiny César Freitas Pinto e Aline Sanches, mas nada disso seria possível sem a generosidade e o engajamento pessoal dos pesquisadores do GT. Foi possível contar também com o comprometimento integral de uma comissão organizadora nacional e, outra, local, que não mediram esforços para sua realização. Além disso, tivemos o decisivo apoio institucional da UFMS (Reitoria e Direção da Faculdade de Ciências Humanas) e da UEM (Programa de Pós-Graduação em Psicologia). Por fim, agradecemos o auxílio precioso de Izabela Loner e Jonathan Marques na preparação do índice remissivo que acompanha o *Caderno*. Em nome da coordenação do GT Filosofia e Psicanálise da ANPOF, dirigimos a cada participante do nosso Congresso e às Instituições que o apoiaram nosso mais vivo reconhecimento!

# PROGRAMAÇÃO

# PROGRAMAÇÃO

## SEGUNDA-FEIRA (13/11)

### Manhã

**Das 8h às 11h - Sessões Comunicações Científicas**

### Tarde

**Das 14h às 17h - Sessões Comunicações Científicas**

### Noite

**Das 19h às 20h - Abertura oficial**

Local: Auditório Marçal de Souza Tupã – Y

*Poéticas com “raízes crianceiras”: Casa Quintal Manoel de Barros*

Projeto de extensão coordenado pela profa. Mirian Miroca Lange Noal

*Mesa Institucional*

**20h - Conferência de abertura (Internacional)**

Local: Auditório Marçal de Souza Tupã – Y

*Psychè, cerveau, mémoire... affectivité. Quelle est la réalité de l'inconscient?*

Prof. Dr. Vinicio Busacchi (*Università degli Studi di Cagliari*– Itália)

Mediação: Weiny César (UFMS)

## **TERÇA-FEIRA (14/11)**

### **Manhã**

**Das 8h às 11h - Sessões Comunicações Científicas**

### **Tarde**

**Das 14h às 16h - Mesa GT Filosofia e Psicanálise I**

Local: Auditório Marçal de Souza Tupã – Y

*A linguagem do equívoco: traduzir a “Psicopatologia da Vida Cotidiana”*

Prof. Dr. André Medina Carone (UNIFESP)

*O Projeto de Freud em texto e contexto: uma análise histórico-conceitual*

Prof. Dr. Richard Simanke (UFJF)

*Pensar filosoficamente a Psicanálise*

Prof. Dr. Weiny César Freitas Pinto (UFMS)

**Das 16h15 às 17h45 - Reunião técnica do GT Filosofia e Psicanálise**

*Lançamento Identidade visual e Site GT*

*Assembleia membros GT*

### **Noite**

**Das 19h30 às 21h30 - Mesa GT Filosofia e Psicanálise II**

Local: Casa Quintal Manoel de Barros

Endereço: Rua Piratininga, 363 – Jardim dos Estados, Campo Grande – MS, 79020-240

@casaquintalmanoeldebarros

*Sade e a vida clandestina de Benjamin*

Prof. Dr. João José R. L. de Almeida (FCA - UNICAMP)

*Lacan, Nietzsche e o problema de um suposto sujeito descentrado da Psicanálise:*

*Perspectivas para o pensamento*

Prof. Dr. Eduardo Fonseca (PUCPR)

*Tramas conceituais, destinos da clínica*

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Suely Aires (UFBA)

## **QUARTA-FEIRA (15/11)**

### **Manhã**

**Das 8h às 11h - Sessões Comunicações Científicas**

### **Tarde**

**Das 14h às 15h30 - Mesa GT Filosofia e Psicanálise III**

Local: Auditório Marçal de Souza Tupã – Y

*Considerações preliminares sobre o termo vida em Freud*

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Carolina Soliva Soria (UFSCar)

*Fronteiras do inconsciente: o problema do dualismo psyché-soma*

Prof. Dr. Rodrigo Barros Gewehr (UFAL)

*Darwin e a evolução: uma perspectiva da teoria freudiana*

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Janaina Namba (UFSCar)

**Das 16h às 17h30 - Mesa GT Filosofia e Psicanálise IV**

Local: Auditório Marçal de Souza Tupã – Y

*Psicanálise e as metafísicas canibais*

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aline Sanches (UEM)

*A imagem e o movimento na metafísica ameríndia e na metapsicologia freudiana*

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Fernanda Silveira Correa (UNESP)

*Psicanálise da Filosofia: argumentos, enunciação e enunciados ontológicos na psicanálise lacaniana*

Prof. Dr. José Bairrão (USP-RP)

### **Noite**

**Das 19h30 às 21h30 - Sessão Lançamento Livros GT Filosofia e Psicanálise**

Local: Estação Cultural Teatro do Mundo

Endereço: Rua Barão de Melgaço, 177 – Centro, Campo Grande – MS, 79002-090

@estacaoculturalteatrodomundo

## **QUINTA-FEIRA (16/11)**

### **DIA MUNDIAL DA FILOSOFIA (UNESCO) EM MATO GROSSO DO SUL**

#### **Manhã**

##### **Das 8h às 11h30 - Lançamento do Fórum Estadual de Filosofia e Ciências Humanas de MS**

Local: Auditório Bioparque Pantanal

#### **Tarde**

##### **Das 14h às 15h30 - Mesa GT Filosofia e Psicanálise V**

Local: Auditório Marçal de Souza Tupã – Y

*Da epistemologia à história: as mulheres na psicanálise*

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Fátima Caropreso (UFJF)

*Identificações de gênero e a reorganização do pensamento teórico-clínico em psicanálise*

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patrícia Porchat Pereira da Silva Knudsen (UNESP)

*Feminino, Pai e Religião: temas de uma trajetória de pesquisa em Filosofia e Psicanálise*

##### **Das 16h às 17h30 - Mesa GT Filosofia e Psicanálise VI**

Local: Auditório Marçal de Souza Tupã – Y

*Entrecorpos: quando as palavras penetram os corpos*

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cláudia Murta (UFES)

Prof. Dr. Ericson Falabretti (PUCPR)

*Temporalidade e intercorporeidade na transferência em Psicanálise: uma leitura a partir de Merleau-Ponty*

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Josiane Cristina Bocchi (UNESP)

*Pornô, o gozo e a escuta psicanalítica*

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Cristina Sparano (UFPI)

#### **Noite**

##### **Das 19h30 às 21h30 - Conferência de Encerramento**

Local: Auditório Marçal de Souza Tupã – Y

*The turbulent birth of the other: The trans experience between two deaths*

Prof. Dr<sup>a</sup>. Patricia Gherovici (University of Pennsylvania, EUA)

Mediação: Patrícia Porchat Pereira da Silva Knudsen (UNESP)

**SEXTA-FEIRA (17/11)**

**Manhã**

**Das 8h às 11h - Sessões Comunicações Científicas**

# RESUMOS DAS CONFERÊNCIAS

# RESUMOS DAS CONFERÊNCIAS

## PSYCHÉ, CERVEAU, MEMOIRE... AFFECTIVITE. QUELLE EST LA RÉALITÉ DE L'INCONSCIENT?

*Vinicio Busacchi*  
*Università di Cagliari, IT*  
*busacchi@unica.it*

La démarche ricœurienne ne vise pas un amalgame discursif, mais, en s'appuyant sur l'héritage vaste et varié des contenus et des formes disciplinaires de la philosophie, montre comment la philosophie elle-même peut fonctionner comme une discipline de médiation mobile, tensionnelle et dialectique entre les connaissances scientifiques (et non scientifiques). Dans sa contribution, l'auteur a essayé de la mettre à l'épreuve en traitant de la personne dans une perspective qui nécessite une comparaison directe avec la psychanalyse. Ricœur se concentre principalement sur la psychanalyse pour développer sa philosophie de l'homme. On sait que sa recherche a contribué de manière significative à repenser le travail théorico-métapsychologique de Freud. Derrière l'effort d'harmoniser la dualité de registre du discours freudien s'exprime la volonté précise de ne pas céder à une conception réductionniste et naturalisant du sujet. Grâce au travail coordonné entre phénoménologie et herméneutique, Ricœur atteint le résultat d'une refonte radicale de la réalité de l'inconscient. Il travaille autour de la psychanalyse pour développer sa philosophie de l'homme, mais sa conception anthropologique de la maturité (*homme capable*) reste encore ouverte à la comparaison avec les différentes sciences de l'esprit et du cerveau. Il continue de s'en nourrir, il continue de leur proposer des éléments d'analyse et réflexion théoriques, car le risque d'une approche réductionniste au sens radical et idéologique constitue un problème concret pour les sciences de l'esprit et du cerveau. Parmi les différents itinéraires d'études que l'on peut retracer, interroger le caractère de « dialectique émancipatrice perpétuelle » qui qualifie le devenir personne conduite à repenser – avec et au-delà de la psychanalyse, avec et au-delà de Ricœur – (1) le rapport entre le mental et le corporel, (2) la nature de l'inconscient et (3) la réalité de la vie psychique dans son ensemble. Ces derniers sont les trois axes thématiques sur lesquels s'est concentré l'auteur de cette conférence.

**Mots-clés:** Affectivité. Réalité. Inconscient.

## O NASCIMENTO TURBULENTO DO OUTRO: A EXPERIÊNCIA TRANS ENTRE DUAS MORTES

*Patricia Gherovici*  
*University of Pennsylvania, EUA*  
*pgherovici@aol.com*

A partir do caso de Jude, um jovem adolescente que alegou ser "oprimido pelo gênero" depois de fazer um gesto suicida espetacular, quero explorar o que pode levar da morte à vida, o que nos faria considerar a morte mais como uma força vital, uma força que permite um renascimento. O trabalho clínico abre um caminho para descobrir como viver com a pulsão de morte, que, paradoxalmente, torna a vida possível. Aqui a morte surge não como o oposto da vida, mas como uma condição para a vida. Nesta palestra se inspira em uma meditação clínica sobre as tendências suicidas de analisandos perdidos em "distúrbios de gênero" que "se encontram" em uma identidade trans. Será feita referência ao caso da jovem homossexual de Freud e ao meu trabalho sobre a identidade trans como um "ato".

**Palavras-chave:** Transgênero. Suicídio. Pulsão de morte. Gênero. Passagem a ato.

# **RESUMOS DAS MESAS-REDONDAS**

# RESUMOS DAS MESAS-REDONDAS

## A LINGUAGEM DO EQUÍVOCO: EDIÇÃO E TRADUÇÃO DA "PSICOPATOLOGIA DA VIDA COTIDIANA"

*André Carone*  
*UNIFESP*  
*andre.carone@unifesp.br*

As edições da "Psicopatologia da vida cotidiana" normalmente apresentam corretamente o ano de 1901 como a data de sua primeira publicação. Entretanto a obra contava naquela data com apenas 81 páginas e havia sido publicada apenas por uma revista de psiquiatria. A primeira edição em livro irá acontecer três anos depois, dando início ao processo de reedição mais abrangente realizado por Freud: a última edição do livro, no ano de 1929, possui mais de trezentas páginas, dois capítulos inteiros que não constavam na publicação de 1901 e um outro capítulo cujo nome foi modificado; várias passagens são deslocadas dentro do livro, uma passagem do texto original é eliminada e várias outras são modificadas pelo autor. O livro praticamente triplica o seu volume em comparação com a publicação original e irá tornar-se o terceiro título mais extenso publicado por Freud, logo após "A interpretação dos sonhos" e as "Conferências Introdutórias à Psicanálise".

Nossa apresentação oferece um panorama geral destas transformações e procura caracterizar a forma e o teor da publicação original de 1901, ainda elaborada no contexto da autoanálise que Freud registra em sua "Interpretação dos sonhos" e ainda antecede o início do movimento psicanalítico e a constituição da clínica psicanalítica como uma prática compartilhada por outros médicos. Como complementos, acrescentamos algumas observações sobre o trabalho de tradução e o desafio de buscar formas linguísticas para caracterizar o equívoco e o malogro da comunicação em atos "falhos" que mesmo assim possuem um valor e um significado autônomo.

**Palavras-chave:** Tradução. História da Psicanálise. Linguagem.

## **O PROJETO DE FREUD EM TEXTO E CONTEXTO: UMA ANÁLISE HISTÓRICO-CONCEITUAL**

*Richard Theisen Simanke*  
*UFJF*  
*richardsimanke@uol.com.br*

O *Projeto de uma Psicologia* (1895) esboça uma primeira síntese sistemática e abrangente das concepções psicológicas de Freud, baseando-se em sua experiência clínica nascente, mas também numa vasta gama de pesquisas médicas, neurofisiológicas e psicológicas próprias e de outros autores, abrangendo tanto as questões relativas à psicopatologia quanto os processos básicos do psiquismo normal, tais como sensação, percepção, memória, ação, motivação, pensamento, juízo, as funções do eu, entre tantas outras, sem tampouco excluir os debates filosóficos sobre essas questões. Trata-se, portanto, de um documento em que se condensa todo o processo de fundação dessa nova disciplina psicológica que Freud logo começaria a chamar de psicanálise. Todo uma estratégia de elaboração teórica a partir de um conjunto amplo e variado de pesquisas empíricas nele se expressa, assim como a intensa interlocução com o meio científico e o ambiente intelectual como um todo que deu forma às teses psicanalíticas. Este trabalho apresenta e justifica de forma sintética essa interpretação do Projeto e do processo de formação da psicanálise freudiana, assim como o método utilizado para realizá-la, que associa a análise interna e a explicação sistemática do texto freudiano com a reconstrução do contexto científico-intelectual em que esse texto foi produzido e dos seus vínculos com a formulação dos fundamentos doutrinários e metodológicos da psicanálise. Os resultados dessa pesquisa começaram a ser publicados no Volume I (“Do neurônio à memória”) da série A fundação da psicanálise: uma análise do Projeto de uma Psicologia de Freud (Editora do Instituto Langage, 2023).

**Palavras-chave:** Psicanálise. Freud. Projeto de uma Psicologia.

## PENSAR FILOSOFICAMENTE A PSICANÁLISE

Weiny César Freitas Pinto  
UFMS  
weiny.freitas@ufms.br

A exposição tem dois objetivos principais: retomar e repercutir o tema geral do Congresso “Entre a *trama* e o *movimento*: para onde vai a filosofia da psicanálise?” e apresentar uma resposta à indagação por ele proposta. A retomada do tema consistirá em destacar alguns elementos centrais que fundamentaram sua proposição, por exemplo, o sentido das figuras conceituais da *trama* e do *movimento*, o significado da expressão *Filosofia da Psicanálise*, a originalidade brasileira desse campo filosófico de pesquisa, entre outros. A resposta à indagação colocada pelo tema - *Para onde vai a filosofia da psicanálise?* –, se concentrará, entre as várias respostas que se pode extrair da pesquisa brasileira desse campo, na apresentação daquela representada pela contribuição de Luiz Roberto Monzani (1946-2021). Por fim, tentarei mostrar que o conjunto desses dois objetivos ilustra e contribui para a compreensão do que significa isto: *pensar filosoficamente a psicanálise*.

**Palavras-chave:** Filosofia. Psicanálise. Brasil. Monzani.

## A PRÁTICA DA PSICANÁLISE E AS ATITUDES DE ALGUNS DOS SEUS TEÓRICOS NO CASO PASTERNAK & ORSI

João José R. L. de Almeida  
FCA-Unicamp  
jjlimadealmeida@gmail.com

Guerras culturais travadas sobre a relevância científica e terapêutica da psicanálise, em particular sobre Freud, têm sido mais recorrentes do que a própria disputa entre ciências humanas e naturais, ou sobre o valor da filosofia pós-estruturalista, litigadas quase que sobre os mesmos tópicos. Sobre o desacreditamento da teoria de Freud, já passamos, ao longo de décadas, por Elizabeth Thornton, por Jeffrey Masson, por Richard Webster, pelo *Livro Negro da Psicanálise*, de Borch-Jakobsen, por Frederick Crews, Samuel Sotillos, e muitos outros; no entanto, a revista *Scientific American* ainda perguntava, na sua edição de maio de 2019, “Por que ainda estamos brigando sobre Freud?”, enquanto também ainda circulava um meme assustado “Por que Freud ainda não morreu?”. Depois de tanta depreciação e desprestígio públicos, o que explica tamanha resiliência? O recente caso Parternak & Orsi (*Que Bobagem!*, 2023), revivido aqui no Brasil, não reflete senão uma esquálida versão dessas mesmas contendas que não cessam de se repetir, e que não se cansam de se rebater contra o vidro blindado da terapia freudiana. Digno de nota, no entanto, não é a invencibilidade da psicanálise, mas é a reação de alguns dos seus teóricos nesses casos. Ela me parece confirmar os mesmos preconceitos que costumeiramente movem os contestadores supostamente científicos da psicanálise. Gostaria de me deter um pouco sobre uma análise de atitudes de teóricos da psicanálise nesse caso, e do papel crítico e autocrítico da filosofia.

**Palavras-chave:** Praxiologia da Psicanálise. Filosofia da Ciência. Jogos de linguagem.

## LACAN, NIETZSCHE E O PROBLEMA DE UM SUPOSTO SUJEITO DESCENTRADO DA PSICANÁLISE: PERSPECTIVAS PARA O PENSAMENTO

*Eduardo Ribeiro da Fonseca*  
*PPGF/PUCPR*  
*eduardorfonseca@uol.com.br*

A presente apresentação discute a noção de um suposto “sujeito descentrado da Psicanálise”. Lacan, desde o seminário 2, oferecido entre os anos de 1954 e 55, mas também ao longo de todo o seu ensino, define e retrabalha a noção de sujeito descentrado, e o faz acentuando em sua análise as questões de linguagem, da falta e da vida pulsional. Isso significa que o que nos confere humanidade se encontra na tensão existente entre o inconsciente e o real de um lado e a consciência, o simbólico e o imaginário de outro, o que faz com que esse “sujeito” possa ser definido exclusivamente pela falta que surge do real, como uma negatividade, como qualquer coisa essencialmente fragmentária, lacunar, inconsistente e que vive sob o signo da incompletude. Se há, no pensamento psicanalítico quem sustente justamente que é uma espécie de mérito de Lacan o resgate da noção de sujeito a partir do descentramento, questionamos se não seria mais promissor, talvez, insistir no trabalho do negativo, e se, ao invés, da retirada da máscara da face do sujeito racional, não seria mais adequado perceber a inexistência do rosto, para que possamos finalmente apreciar um espetáculo em outro cenário que não pode implicar senão no desaparecimento do eu, sob a forma de uma de-subjetivação radical, ainda que se preserve uma casca vazia de crisálida a partir do uso gramatical das noções consagradas de sujeito e objeto. Para enfrentar esse problema, a presente exposição retoma a filosofia de Nietzsche, especialmente a partir dos parágrafos 16 e 17 da primeira parte de *Além de Bem e Mal*, intitulada “Dos preconceitos dos filósofos”. Além disso, utiliza como recurso as afirmações do próprio Lacan, presente em seus *Escritos*, especialmente em “Função e campo da fala e da linguagem”, de que é na unidade interna do discurso, dado na temporalização, que o sujeito da consciência marca a convergência daquilo que historicamente foi e que, imaginariamente, o constitui. É porque as interpretações são a rede fundacional sempre frágil do eu que existe tanto em Lacan como em Nietzsche os significantes mestres do falante, de acordo com os quais se constituem as tramas semânticas. Nesse sentido, é implodida a noção de sujeito, e só nos resta vagar pelas sombras de uma evanescente e fragmentária experiência fundada e ancorada meramente nas possibilidades gramaticais, nas perspectivas e nas crenças a elas relacionadas.

**Palavras-chave:** Sujeito descentrado. Linguagem. De-subjetivação.

## TRAMAS CONCEITUAIS, DESTINOS DA CLÍNICA

*Suely Aires*  
*UFBA*  
*suely.aires7@gmail.com*

Considerando a tradição histórica dos estudos em filosofia e psicanálise, pretendo discutir a relação entre metapsicologia e teoria da clínica em sua simultânea independência e interdependência. Contudo, sigo um viés específico: o vocabulário freudiano e sua releitura lacaniana. Ao escutar as críticas feministas à psicanálise, em sua pertinência e impertinência, proponho reconhecer a pertença histórica de alguns termos – que remetem a uma descrição da sociedade vienense e francesa dos séculos XIX e XX – e seu usual esclarecimento e substituição em espaços de discussão e transmissão da psicanálise. Cada analista, como nos lembra Lacan, é forçado a reinventar a psicanálise a fim de transmitir o que, em sua (in)transmissibilidade, insiste. A transmissão da psicanálise é, portanto, uma escolha ética a ser feita por cada analista em sua relação com o desejo. Nessa direção, partindo do amplo campo conceitual da psicanálise freudiana e lacaniana, buscarei colocar em questão a manutenção de determinados termos que compõem seu vocabulário, em especial os vocábulos que apontam para o sexual e sua diferença. Para tanto, parto de uma imagem oferecida por Lacan em 1971 em que assemelha o analista a Ulisses, o mestre da astúcia, o qual se amarra ao mastro da embarcação para ouvir o canto das sereias. O psicanalista, diz Lacan, fica preso a um mastro e permanece enfeitiçado: isto é, ouvindo tudo da maneira errada. No Brasil do século XXI, não caberia a cada analista correr o risco de retirar a cera dos ouvidos e permitir-se escutar cada analisante em seu modo de apresentar-se no dispositivo clínico nas atuais variações e performances do sexual? Não caberia, ainda, retirar a venda dos olhos e investigar quais termos, em nosso vocabulário clínico e metapsicológico, prestam-se ao abandono, à tradução e/ou à manutenção?

**Palavras-chave:** Gênero. Teoria da clínica. Psicanálise.

## **ATIVIDADE, PULSÃO E CORPO EM FREUD: UMA ANÁLISE À LUZ DA FILOSOFIA ALEMÃ PÓS-KANTIANA**

*Ana Carolina Soliva Soria  
UFSCar  
anasoliva@ufscar.br*

A filosofia kantiana propõe para os pensadores que a sucedem um engodo conceitual, a saber: a coisa-em-si, separada do fenômeno. Seja para afirmá-la (Schopenhauer) ou rechaçá-la (Fichte e Marx), a concepção de atividade passará a ocupar uma posição central nestes pensadores. Trata-se, na presente exposição, de investigar de modo não exaustivo a relação do pensamento freudiano com essa questão tão cara aos filósofos alemães pós-kantianos, e entender a relação entre atividade, pulsão e corpo em seu pensamento.

**Palavras-chave:** Freud. Atividade. Pulsão.

## NOS CONFINES DO INCONSCIENTE: O PROBLEMA DO DUALISMO *PSYCHÉ-SOMA*

Rodrigo Barros Gewehr  
PPGFIL / PPGP / UFAL  
rodrigo.gewehr@ip.ufal.br

O problema da dualidade *psyché-soma* é um dos temas estruturantes não só do pensamento ocidental como também da psicologia moderna, que herda este debate, a um só tempo, da tradição filosófica e da tradição religiosa. Através de um percurso por textos iniciais de Henri Bergson, dentre os quais figuram as *aulas de psicologia e metafísica* ministradas pelo autor no Liceu de Clermont-Ferrand nos anos 1887-1888, bem como o *paralelismo psicofísico*, de 1901, abordamos as dificuldades apontadas na posição monista e suas reverberações na psicologia contemporânea, capitaneadas, estas reverberações, pelas neurociências e pela psicologia cognitiva. Nosso intuito é salientar os impasses da posição monista que seguem se reeditando. Com efeito, apesar dos inúmeros avanços tecnológicos, no que diz respeito à questão da natureza deste dualismo, os debates parecem ter estacionado nos argumentos que Bergson já denunciava no final do século XIX e início do século XX, o que denota a forte presença de opções ontológicas que se sobrepõem largamente à inspiração empírica da ciência moderna. Quais as linhas determinantes na resistência a se fazer este debate? Por que o avanço nas tecnologias de pesquisa não corresponde a avanços no argumento sobre esta dualidade? Há consequências práticas para a leitura da realidade ao se adotar o princípio monista, que segue soberano no pensamento ocidental, ainda que injustificadamente? Estas questões irão nortear a reflexão que iniciamos neste trabalho.

**Palavras-chave:** Monismo. Dualismo. *Psyché-soma*. Bergson.

## FREUD, DARWIN E A HISTÓRIA NATURAL

*Janaina Namba*  
*UFSCAR*  
*jnamba@ufscar.br*

Através do questionamento a respeito da interdição ao incesto e da exogamia, que se fundamenta tanto em observações realizadas por Darwin quanto em dados fornecidos pelos estudos de antropologia Freud formula uma teoria genealógica do aparelho psíquico calcada na repressão dos desejos incestuosos. Entendemos que a apropriação dessas duas disciplinas, a teoria da evolução de Darwin e a antropologia contemporânea à Freud, ocorra de diferentes maneiras. Se por um lado há uma proposta freudiana que determina a origem do aparelho psíquico, exposta em Totem e Tabu (1913), tal como Darwin propõe uma genealogia humana em The Descent of man, and Selection in relation to Sex (1871), através de uma história conjectural, por outro sugere que se pode deduzir o funcionamento da repressão ao incesto no aparelho psíquico originado juntamente com a humanidade, a partir dos dados apresentados pela antropologia quanto à interdição social e universal do incesto.

**Palavras-chave:** Teoria da evolução. História conjectural. Sexualidade.

## A PSICANÁLISE E AS METAFÍSICAS CANIBAIS

*Aline Sanches*  
*UEM*  
*asanches@uem.br*

Afirmam Deleuze e Guattari (1972, p.351): “Somos todos pequenas colônias, e é Édipo que nos coloniza”. Ora, uma vez colonizados por Édipo, somos tornados também colonizadores? Nos tornamos narcisistas? A partir da sugestão de Viveiros de Castro (2018), ampliaremos a noção de anti-Narciso por ele imaginada, como maneira de dar continuidade às críticas de Deleuze e Guattari à Psicanálise. Quando se trata do narcisismo, estaríamos lidando com dados naturais, que definem o que é o humano em sua essência, ou estaríamos às voltas com um narcisismo fabricado, engendrado por essa mesma civilização que supostamente almeja combatê-lo? Se n’O Anti-Édipo (1972), Deleuze e Guattari demonstram que o complexo de Édipo não é um caminho natural e universal para as formações do inconsciente, mas é fabricado pela máquina capitalista civilizada, coloca-se agora Narciso na berlinda, desnovelando as narrativas da teoria psicanalítica sobre uma suposta natureza humana anti-social.

**Palavras-chave:** Narcisismo. Perspectivismo ameríndio. Deleuze e Guattari.

## METAFÍSICA AMERÍNDIA E METAPSIKOLOGIA FREUDIANA

*Fernanda Silveira Corrêa*  
*Unesp de Araraquara*  
*fernanda.s.correa@unesp.br*

A contemporaneidade e a anti-modernidade dos povos indígenas convocam-nos, principalmente a partir da obra literária *A queda do céu* (Davi Kopenawa e Bruce Albert), ao estudo da sua metafísica e aqui proponho algumas relações dela com a psicanálise. O perspectivismo, o multinaturalismo e o esquema da predação ameríndios (conceituados por Viveiros de Castro) remetem ao animismo e à metafísica canibal, respectivamente, ao devir outro e à incorporação do ponto de vista do inimigo. A incorporação do outro via devoração é também tema dos mitos filogenéticos freudianos (devoração do pai depois do parricídio) e, no mito da era glacial (texto *Neurose de transferência: uma síntese*), é geradora do ódio contra si mesmo e da culpa. Se a incorporação da alteridade, nos ameríndios, constitui o eu (do guerreiro) e a própria comunidade, nos ocidentais (supostamente descritos por Freud), ela provoca um repúdio a si mesmo e a constituição da culpa. O animismo, por sua vez, tem um papel bastante relevante para Freud, é considerado o método utilizado para a suposição do inconsciente (texto *O inconsciente*). Também, podemos pensar, que o animismo corresponde à suposição freudiana de uma identificação direta com o outro, o que no texto *Projeto de uma psicologia* corresponde ao investimento da imagem de movimento próprio que coincide com o movimento do outro (por exemplo de sua mão). Imagem de movimento que possibilita a inibição da alucinação (da imagem desiderativa) ou, em termos nietzschianos, que corresponde ao dionisíaco que rompe a ilusão apolínea.

**Palavras-chave:** Animismo. Devir-outro. Canibalismo.

## **PSICANÁLISE DA FILOSOFIA: ARGUMENTOS, ENUNCIÇÃO E ENUNCIADOS ONTOLÓGICOS NA PSICANÁLISE LACANIANA**

*José F. Miguel H. Bairrão  
Departamento de Psicologia, USP-RP  
bairrao@usp.br*

O surgimento da psicanálise é um acontecimento civilizacional cujas implicações ainda estão longe de serem sopesadas e com profunda repercussão em todas as esferas da cultura. Relativamente à Filosofia, por um lado, é claramente tributário de vertentes suas contemporâneas, mas por outro lado a interpela de maneira crítica e potencialmente diagnóstica, na forma de uma espécie de Psicanálise da Filosofia, ensejando em contrapartida uma profusão de produções filosóficas sobre ou a partir da Psicanálise, de tal forma que tensões e aproximações entre abordagens filosóficas da Psicanálise e teoria psicanalítica são comuns e frequentemente levam a mal-entendidos ou pura e simplesmente são desconsideradas. Manifestam-se de forma especialmente aguda na vertente lacaniana, uma vez que o psicanalista francês não hesitou em, ao seu modo e sublinhando ser uma retomada noutra direção e com outros propósitos, recorrer copiosamente a autores e a vocabulário filosóficos, habitualmente num tom misto de desdém e de apreço. Esta comunicação visa explorar se, com base em argumentos desse autor explícita ou implicitamente expressos ao longo da sua obra, haveria de fato bases que justifiquem afirmar alguma originalidade psicanalítica na abordagem do ontológico.

**Palavras-chave:** Ontologia. Psicanálise. Lacan.

## DA EPISTEMOLOGIA À HISTÓRIA: AS MULHERES NA PSICANÁLISE

*Fátima Caropreso*  
*UFJF*  
*fatimacaropreso@uol.com.br*

Judith Kestenberg é uma psicanalista e médica polonesa que, além de ter elaborado uma teoria original sobre o desenvolvimento mental e uma técnica de análise do movimento, conduziu extensas pesquisas sobre as crianças vítimas do nazismo e sobre os filhos de sobreviventes. A partir dessas pesquisas, entre outras coisas, ela elaborou hipóteses sobre a origem do nazismo e sobre sua forma de atuação. O objetivo dessa apresentação é expor algumas das suas ideias sobre as motivações do nazismo e sobre a forma como as instituições penais nazistas atuou sobre os superegos dos alemães e de suas vítimas. A autora argumenta que a justiça penal nazista se infiltrou tanto na mente dos alemães como naquela de suas vítimas, produzindo uma distorção em seus superegos que se propagou para as gerações subsequentes e, no caso dos judeus, perpetuou a perseguição. Sobre as motivações do nazismo, ela defende que os nazistas projetaram o desejo de matar seus próprios filhos nos judeus e demais vítimas, mas, ao mesmo tempo, fomentaram uma cultura que estimulava a hostilidade e agressividade contra as crianças alemãs. Dessa forma, paralelamente à destruição dos inimigos, havia um processo de destruição de si próprios e, por trás da propaganda nazista, que tentava ressaltar o valor da família germânica, se manifestava o impulso de aniquilá-la.

**Palavras-chave:** Judith Kestenberg. Psicanálise. Holocausto. Nazismo. Crianças sobreviventes.

## IDENTIFICAÇÕES DE GÊNERO E A REORGANIZAÇÃO DO PENSAMENTO TEÓRICO-CLÍNICO EM PSICANÁLISE

*Patrícia Porchat*  
*UNESP/Bauru*  
*patricia.porchat@unesp.br*

A partir da atividade clínica na Universidade Estadual Paulista junto a jovens trans e não binários, que recusam de modo parcial ou total as categorias binárias de gênero, trata-se de examinar os pressupostos e conceitos mobilizados para sustentar essa prática. Propõe-se, num primeiro momento, o uso do conceito de identidade como uma função que opera na tensão entre a verdade e a ficção, embora não se pretenda que ela dê conta da totalidade da experiência subjetiva. Vemos com Freud, uma noção de identidade que se sustenta na operação de reconhecimento que afirma a identidade a si mesmo e apenas a si mesmo, por um lado, e, por outro lado, aos pares. Tomando a identidade como uma tentativa (fadada parcialmente ao fracasso) de organizar uma representação de si, priorizamos na clínica aspectos dessa construção que são inconscientes e que chamamos de identificações de gênero. Por fim, propomos três elementos para abordar essa clínica: o mosaico de identificações, a partir do exame da ideia de melancolia de gênero de Judith Butler; o “analista pêndulo”, a partir do relato da experiência clínica do analista trans estadunidense Griffin Hansbury com seus pacientes trans; e a análise da contratransferência, a partir de relatos clínicos de analistas cisgênero com pacientes trans.

**Palavras-chave:** Identidade. Identificação. Transgeneridade.

## ENTRECORPOS: QUANDO AS PALAVRAS PENETRAM OS CORPOS

*Claudia Murta*  
*UFES*  
*cmurta@terra.com.br*  
*Ericson Falabretti*  
*PUC-PR*  
*efalabretti@gmail.com*

Partindo de considerações iniciais sobre a importância da formação de sintomas para a Psicanálise e de como resulta de uma encarnação das palavras nos corpos e, especialmente, os sintomas da histeria de conversão, propomos alguns elementos para acompanhar um caso clínico analisado por Merleau Ponty no capítulo sobre “o corpo como ser sexuado” em sua “Fenomenologia da Percepção”. A incidência significativa não deixa de marcar o corpo da histérica e essa marca no caso se refere à inexistência da relação sexual que a paciente não toma como impossível, mas acredita que foi interdita pelo Outro materno. Desse modo, por acreditar na existência da relação sexual e na existência de um Outro Absoluto, a morte, ela encarna o seu sintoma.

**Palavras-chave:** Corpo. Sintoma. Conversão.

## **ESQUEMA CORPORAL E INTERCORPOREIDADE EM MERLEAU-PONTY: UMA ENTRADA PARA A NOÇÃO DE TRANSFERÊNCIA EM PSICANÁLISE?**

*Josiane Bocchi*  
*UNESP/Bauru*  
*josiane.bocchi@unesp.br*

Propõe-se uma discussão sobre o estatuto ontológico da transferência, tal como formulada e trabalhada pela Psicanálise. Articula-se um problema do campo clínico com os subsídios da filosofia, precisamente com a experiência teórica merleau-pontyana e sua noção de intercorporeidade. Qual o lugar dos corpos na transferência psicanalítica? Parte-se da experiência do ver e ser visto na gênese do esquema corporal, como um fenômeno que precede e estabelece os alicerces da ideia de intercorporeidade, desse autor, e da ideia de que a percepção é um modo do desejo. Será enfatizada a progressão teórica de Merleau-Ponty, dos anos 40 para o final dos anos 50, quando ele reconhece o desejo e a estrutura libidinal do esquema corporal, esboçando, assim, um modo de acesso carnal ao outro. Como o fenômeno da transferência, a existência corporal também não repousa sobre si mesma. Ambas são trabalhadas por um “nada ativo”, o qual desenha a forma vazia do verdadeiro acontecimento: aquele por meio do qual estamos uns nos outros, os corpos se interpenetram, “se invadem” – *empiètement*.

**Palavras-chave:** Transferência. Esquema corporal. Psicanálise.

## PORNÔ, GOZO E ESCUTA PSICANALÍTICA

*Maria Cristina De Távora Sparano*  
*UFPI*  
*cris-sparano@ufpi.edu.br*

O tema da pornografia (pornô) suscita muitas questões de ordem filosófica, moral e política, dos bons costumes, da legalidade e também da psicanálise. Esta última aborda, o tema do sexo, prazer e dominação, conseqüentemente do real do corpo. Prazer e gozo, caros à psicanálise lacaniana, tem na palavra, na estrutura e movimento dos quatro discursos (do mestre, da universidade, da histérica, do analista) e do quinto (o capitalista), assim como no matema da sexuação uma possibilidade de se contornar o vazio deixado pelo gozo no sujeito evidenciado na pornografia. É pela linguagem que se abre uma possibilidade para que o tema seja lido e os sujeitos “escutados”, seguindo a norma psicanalítica da atenção flutuante, na análise de relações sociais e sexuais.

**Palavras-chave:** Pornografia. Gozo. Discurso.

# **RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES CIENTÍFICAS**

# RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES CIENTÍFICAS

---

## MESA PSICANÁLISE LACANIANA E FILOSOFIA

---

### AS IMPLICAÇÕES ENTRE FILOSOFIA E LINGUAGEM NO ENSINO LACANIANO NOS ANOS 1960

*Izabela Loner*  
UNICAMP/FAPESP  
*izabelalonersantana@gmail.com*

O começo do ensino de Jacques Lacan foi marcado por uma refundação da psicanálise, enquanto prática e teoria, na função da fala e no campo da linguagem. Com isso, passou parte da primeira década de seu *Seminário* (1953-1960) reformulando as bases epistemológicas de seu campo a partir de uma mobilização estruturalista da linguagem: coextensiva ao registro simbólico, ela era entendida como um sistema estruturado (com suas leis, regras, funções e relações) e estruturante do horizonte de experiência do falante e, conseqüentemente, da ciência psicanalítica que a ele tematiza. Com a entrada do ensino na década de 1960 é possível perceber o analista levantando e discutindo os problemas de reduzir a linguagem a esta concepção, passando a indicar também sua determinação real, i.e., além de sua organização simbólica, há o impossível que a interrompe a cada vez e que, nisso, a impede de fechar-se e determinar-se totalmente como um sistema, colocando a contingência de seu funcionamento e a inexistência de qualquer sentido, verdade ou garantia, natural ou transcendente. Essa mudança deu-se, pois, Lacan começou a formular questões acerca do significado de tomar a linguagem como, por um lado, o transcendental da ciência do inconsciente e, por outro, um registro “ontológico”. Inicia-se, assim, uma investigação do que se pressupõe e com o que se compromete ao adotar uma concepção de linguagem totalmente simbolizável (sistemática, toda determinável e fechada) em detrimento de uma interrompida pelo real (aberta e contingente). Neste movimento lacaniano, a filosofia foi uma peça importante: ora como objeto de diálogo, nas teorias particulares de sua história; ora como o discurso que representa a maneira metafísica de tomar a linguagem, da qual o discurso analítico precisa separar-se, criticando-a. Se, para o ensino, essa oposição tem um efeito de precisão do próprio campo, a questão que podemos colocar é como tal avaliação pode ser considerada no campo próprio da pesquisa e da produção filosóficas. Logo, como podemos pensar uma filosofia compatível com essa proposta lacaniana, que “leve a sério” a concepção de linguagem tal como formulada nos anos 1960 e que se deixa perturbar pelo real. Buscando discutir isso, essa comunicação apresentará brevemente a mudança na compreensão de linguagem no ensino lacaniano para que seja possível, então, avaliar e extrair as conseqüências desse diagnóstico feito sobre o discurso filosófico à época em seu *Seminário*.

**Palavras-chave:** Jacques Lacan. Linguagem. Simbólico. Real. Filosofia.

## **SOBRE O CONCEITO DE INCONSCIENTE: LACAN, LÉVI-STRAUSS E KANT**

*Luiz Fernando de Oliveira Proença  
FCL-SP/PUC-SP/UFSCAR/USP  
luizf.proenca@usp.br*

Lacan afirma na parte II da segunda lição do seminário XI que "é a estrutura que dá seu estatuto ao inconsciente", vinculando aquela noção à do antropólogo estruturalista Claude Lévi-Strauss. Em Lévi-Strauss, por sua vez, em certas passagens de *O pensamento selvagem* e das *Mitológicas*, pode-se ver certa correspondência entre sua teoria sobre a constituição do real e a doutrina de Kant sobre o esquematismo transcendental, como nesse caso do *Pensamento selvagem*: "deixando-nos guiar pela procura de condições mentais, a nossa problemática junta-se à do kantismo, embora caminhemos por outros caminhos que não conduzem à mesma conclusão". Esta comunicação pretende, assim, esclarecer a noção de estrutura em Lévi-Strauss a qual, por sua vez, se sustenta no conceito de esquema de Kant que é apresentado na seção enigmática intitulada "Do esquematismo transcendental dos conceitos puros do entendimento" da *Crítica da Razão Pura* e, deste modo, apontar uma abordagem do conceito de inconsciente de Lacan a partir de uma posição kantiana. Esta leitura, oriunda do esquema kantiano, fornece uma via não substancialista ao conceito de inconsciente como também, ao mesmo tempo, pode furar distinções radicais entre as chamadas estruturas subjetivas e permitir uma chave de leitura da dinâmica dos registros do real, simbólico e imaginário na clínica.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Inconsciente. Estrutura.

**A RELIGIÃO FRENTE AO DESAMPARO DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO:  
CONSIDERAÇÕES ENTRE FREUD E FEUERBACH**

*Carlos Alberto da Silva*  
*UEM*  
*psico.carlos@hotmail.com*

As relações entre religião, psicanálise e filosofia sempre foram marcadas por tensões, como a maneira de abordar a moralidade, as relações com a sexualidade e repressões, a visão fantasística versus a realidade racional, entre outras. Ao pensarmos o contexto do sujeito contemporâneo, poderíamos nos questionar: a busca religiosa ainda satisfaz seus anseios? Quais demandas as religiões suprem hoje em dia? Feuerbach (1804-1872) foi um dos filósofos que encarou a religião em seu caráter antropológico e que deixou marcas em Freud. Há semelhanças em seus escritos ao tratarem a questão da ilusão, do desamparo e das projeções humanas em um ser transcendente e superior. Para ambos, as ideias religiosas foram formuladas ao longo do tempo, seguindo modelos de projeções infantis. Feuerbach (1841) demonstrou as contradições do cristianismo, considerando-as como uma expressão antropocêntrica da humanidade. Tudo o que é imperfeito e inacabado no humano passa a ser perfeito e acabado em Deus, o referencial por excelência do bem e da felicidade. Freud, nas cartas ao pastor Pfister, deixa explícito que a psicanálise não se vincula a religião e que embora elas tenham em sua raiz um trabalho para a cura das almas, a religião trabalha com a fé, por meio de experiências fantasiosas e sobrenaturais. Freud e Feuerbach problematizam a busca ilusória pelo divino, relacionada à tentativa de impor padrões éticos à humanidade por meio de restrições, a fim de controlar nossos impulsos agressivos, antissociais e anticulturais. Frente à falta de controle sobre a natureza, o enigma da morte e o desamparo estrutural do sujeito surge à busca por uma divindade que possa apaziguar as inquietações, os conflitos da existência e ausência de repostas que nos cercam. A proposta deste trabalho será então abordar as convergências e divergências entre estes dois autores na crítica a religião, destacando o papel de Feuerbach nas formulações freudianas e ressaltando a delimitação entre os campos da religião e da psicanálise, explicitando as saídas propostas por eles frente ao desamparo. Pretende-se, finalmente, reunir dispositivos conceituais para discutir a função da religião em nossa sociedade brasileira contemporânea.

**Palavras-chave:** Freud. Feuerbach. Religião.

## FEUERBACH E A QUESTÃO DA RELIGIÃO: ALIENAÇÃO COMO MECANISMO DE UMA SUPOSTA VERDADE

*João Victor Ponciano  
UP/PUC-PR/UFRJ  
jvponcianopucpr@gmail.com*

Este trabalho buscará discutir questões postas por Ludwig Feuerbach, sobre a dicotomia entre consciência e a alienação, sujeito e subjetivação, pensamento e religião. Segundo o filósofo alemão, uma característica central dos seres humanos, é a capacidade de pensar por meio de um exercício filosófico, que resultaria em uma espécie de emancipação do Sujeito. Entretanto uma outra característica própria da humanidade é a criação de deuses e instituições como a religião. Nossa intenção é investigar qual a razão dessa criação, e até que ponto postular a existência de um ser ou de seres transcendentais interferiria no processo de emancipação desses indivíduos? É possível traçar um caminho que converge entre a religião e o exercício do pensamento filosófico? Mais do que apresentar soluções, esta investigação tem como principal objetivo provocar questões acerca das problemáticas aqui levantadas.

**Palavras-chave:** Feuerbach. Religião. Ilusão.

## A CRÍTICA DA RELIGIÃO EM SCHOPENHAUER E FREUD

Guilherme M. Germer  
UNICAMP/USP/UEM  
guilhermeguita@gmail.com

A relação de Freud com Schopenhauer é bastante debatida, e espinhosa: algumas de suas referências ao filósofo registram um certo parentesco, como nos temas do inconsciente, sexualidade, repressão e morte. Porém, como Freud também recusa aderir a uma “*Weltanschauung*” (visão de mundo), e valoriza bastante o caráter científico de sua doutrina, sua distância ante o metafísico também se faz patente. Um objeto muito oportuno de confronto entre ambos os pensamentos (inclusive, por ser igualmente interno e externo à filosofia e psicanálise), além de pouco explorado pelos comentadores, é a religião. Diante desse “bem cultural”, porém, encontramos, de novo, tanto proximidades quanto distâncias: ambos os autores são ateus, explicam a religião como um produto infantil e patológico do ser humano, oriundo de seu desamparo frente à morte e ao sofrimento, e aplaudem o encolhimento da fé ante o avanço do saber, rumo a uma possível eutanásia da religião (para Freud, provável, e para Schopenhauer, remotamente possível). Além disso, eles concordam em que a religião possa expressar a verdade indiretamente, muito embora, para Schopenhauer, sua grande importância seja a de transmitir à população inculta relevantes lições éticas e metafísicas, enquanto Freud já aposta nas verdades históricas que podem ser descobertas por trás dos dogmas, de modo semelhante à como a infância dos pacientes da psicanálise pode ser conhecida a partir de seus sintomas. Propomos, portanto, nessa comunicação, sintetizar as principais semelhanças e diferenças entre as posições de ambos os críticos da religião, e a partir disso, levantar elementos à reflexão mais ampla da relação de Freud com a “escola de Schopenhauer”: o pai da psicanálise mereceria ser avaliado como pertencente à *proximidade* do schopenhauerianismo, já que esse diagnóstico parece ser o que mais condiz com sua ambivalência ante Schopenhauer e a filosofia em geral?

**Palavras-chave:** Ateísmo. Pessimismo. Escola de Schopenhauer.

## MEDO, CULPA E SEDE DE OBEDIÊNCIA: O PROBLEMA DA SERVIDÃO EM FREUD

*Tiago Carvalho Lombardi Tosta  
UFJ/UFSCar  
tiagolombardi11@gmail.com*

O trabalho tem como propósito investigar alguns elementos da formação individual que podem tornar possível a identificação do oprimido com o seu opressor. Para alcançar esse objetivo, teremos como pilar central os textos socioculturais de Freud, sem prescindir da discussão metapsicológica que eles suscitam. Por meio deles, buscaremos entender como a cultura existente, baseada numa lógica de dominação, promove modos de socialização que sujeitam os indivíduos aos auspícios do poder. Compreendendo que a classe dominante organiza a realidade material por meio da exploração da classe dominada, Freud afirma que uma parcela substancial dos oprimidos, em contradição com os seus próprios interesses, enxerga em seus senhores o seu ideal. Para Freud, este estado de coisas paradoxal se deve, em grande parte, ao medo e ao sentimento de culpa desenvolvidos durante a socialização individual. No estágio do complexo de Édipo, o princípio de realidade começa a se sobrepôr e a criança desenvolve, por causa das limitações impostas, sentimentos ambivalentes em relação aos seus protetores. Contudo, ela cede à autoridade dos pais, pois teme, como punição pelas suas transgressões, perder o amor e o amparo que eles oferecem e assim ficar exposta aos perigos do mundo. Dessa forma, as consequências punitivas produzem o medo infantil de se contrapor à ordem estabelecida pelos pais, suscitando na criança o sentimento de culpa pelas suas inclinações transgressoras. No decorrer de seu desenvolvimento, o indivíduo adulto substitui o lugar dos pais por outras autoridades sociais, transferindo para elas a mesma relação de medo e culpa e, por esse motivo, também estabelece com esses substitutos o compromisso da obediência em troca de seu amor e de sua proteção. Esse modo de socialização, que produz a dependência no lugar da autonomia, torna os indivíduos incapazes de assumir a responsabilidade pelos próprios atos e, assim, incapazes também de agir de maneira livre. Logo, sentem a necessidade de uma ordem exterior a que possam obedecer sem maiores escrúpulos, pois continuam, diante do mundo, no mesmo estado infantil de desamparo, necessitando de um outro que os proteja e conduza as suas ações. Desse modo, o medo social difundido pela cultura estabelecida perpetua as relações de dominação, pois ao produzir a culpa e, então, a sede pela obediência, torna a classe oprimida em uma classe dependente, dócil, acrítica e, por isso, vulnerável aos ideais que forjam a sua própria condição servil.

**Palavras-chave:** Servidão. Cultura. Psicanálise.

## MAS AFINAL, ONDE ESTÁ A MULHER NA FILOSOFIA DA PSICANÁLISE?

*Maria Eduarda Rodrigues da Silva*  
UFMS  
*maria\_rodrigues@ufms.br*

As reflexões propostas neste trabalho visam refletir acerca da contribuição e participação feminina nos trabalhos que permeiam a filosofia brasileira da psicanálise. Tendo como intuito, promover uma discussão sobre esses principais trabalhos que elucidam a presença da mulher no âmbito filosófico e psicanalítico. Neste parâmetro, será abordado, principalmente, o trabalho ilustre da pesquisadora Léa Silveira membra do núcleo de sustentação do GT de Filosofia e Psicanálise da ANPOF, do qual participa desde sua fundação em 2002. Léa Silveira é professora de Filosofia (graduação e pós-graduação) da Universidade Federal de Lavras, tendo participado da criação do Curso de Licenciatura em Filosofia, do Departamento de Ciências Humanas e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia nesta instituição, além disso, a docente desenvolve escritos, análises de textos e pesquisa em Jacques Lacan (1901-1981) e Freud (1856-1939). Em seu artigo *Feminismo e psicanálise* (2020), a autora evidencia como o feminismo e psicanálise travam um rico diálogo a respeito da visão do homem sobre a mulher, dentro dos preâmbulos e a tese freudiana da histeria como neurose feminina, desde finais do século XIX até hoje. Segundo Silveira, mesmo que a psicanálise coopere para que haja um entendimento do que é particular à mulher, ainda sim há uma adversidade de se desprender de uma figura patriarcal. Ou seja, se por um lado o feminismo se agarra nessa subvenção, há também um indício, reputando sobre a realidade presente no dia a dia da mulher. O objetivo desta comunicação é apresentar uma parte da pesquisa de modo provisório do trabalho de conclusão de curso, visando a participação e contribuições dos trabalhos femininos a respeito da filosofia brasileira da psicanálise.

**Palavras-chave:** Léa Silveira. Filosofia brasileira da psicanálise. Mulher.

## A LINGUAGEM ADEQUADA AO “OBJETO” DA PSICANÁLISE

*Thiago Rodrigo Brunassi*  
*UEL/UNIFESP*  
*thiagobrunassi@gmail.com*  
*Ruben Artur Lemke*  
*UCDB/UFRGS/ULBRA*  
*lemke.ruben@gmail.com*

Das interlocuções que Lacan manteve com Heidegger, resultaram o *Discurso de Roma*, uma introdução para o seu texto *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* e, também, *A direção da Cura*. Da *Sorge?* Heidegger, desde a sua *analítica existencial*, nos ajuda a pensar a *condição de possibilidade* de uma linguagem que esteja no mesmo lugar do objeto que analisa, ou seja, no-mundo. Um dos existenciais da Cura, o *ser-para-morte*, é citado por Lacan nos textos que o psicanalista visa fundamentar a sua linguagem. Lacan também está preocupado em não objetificar o Ser humano. Este é o mesmo objeto de que trata Freud? Se o psicanalista francês retorna a Freud via Heidegger, digamos que temos um *método* para tratarmos da verdade da metapsicologia freudiana. Embora Heidegger tenha feito sua crítica à metafísica em *Ser e Tempo* e, explicitamente, nos *Seminários de Zollikon*, outra crítica à metapsicologia de Freud, Lacan nos parece um autor atento aos problemas apontados pelo filósofo, ao mesmo tempo que se diz freudiano. Como Lacan propõe uma linguagem para o inconsciente teorizado por Freud? Vejamos em que sentido podemos pensar uma *linguagem* que *direciona* sem objetificar o *tratamento*, ou ainda, uma linguagem que possa ser adequada ao “objeto” da psicanálise.

**Palavras-chave:** Analítica existencial. Metapsicologia. Verdade.

THE PHILOSOPHY OF PSYCHOAN(IM)ALYSIS

*Gisle Selnes*  
*University of Bergen, Norway*  
*gisle-selnes@uib.no*

One of the defining frontiers of contemporary philosophy is the ever-receding distinction between human and animal. The present paper will argue that psychoanalysis might offer a perspective that transcends the opposition between the traditional ‘humanist’ privileging man as the consummation of the great chain of being qua spirit and the ‘post-humanist’ deconstruction of the human subject as ‘ex-cepted’ from the universal play of differences, or immanent vibrant matter. Taking its cue from Francis Wolff’s observation that psychoanalysis’ concepts of repression and the unconscious represent a site of resistance to the hegemonic conception of man as ‘a quite ordinary animal’, my presentation will try to circumscribe the ‘plot’ of animality within—mainly Lacanian, or post-Lacanian—psychoanalytic theory and ask how it may add to the comprehension of as well as the politico-ideological intervention into the human–animal complex. In a discursive situation where the subject is sought reduced to a state of predictable responsiveness, thus undergoing a process of ‘animalization’ that reflects, however imperfectly, the reality of modern industrialized farming, it is of utmost importance to vindicate the functions of ‘truth’ as well as ‘subject’. Unfortunately, the emancipation of animals cannot be the task of the animals themselves, yet the human animal cannot sacrifice its truth-procedure on the altar of animality without relinquishing its own singularity, either. Still, the re-negotiation of the anthropological machine is ongoing and inevitable—and it demands the full attention of the psychoanalytic community.

**Palavras-chave:** Animal studies. Lacanian psychoanalysis. Post-humanism. Truth and subject. Theory of discourses.

## FEMINIST PHILOSOPHIES OF RADICAL DIFFERENCE AND THE LACANIAN THEORY OF SEXUATION

*Kari Jegerstedt*  
*University of Bergen, Norway*  
*kari.jegerstedt@uib.no*

Lacan's thinking on language, sexuality, and sexual difference, was of pivotal inspiration for the so-called French feminists of the 70s and 80s (e.g., Luce Irigaray, Julia Kristeva and Hélène Cixous) and their efforts to elaborate a theory of the feminine as radical difference. Within current gender theory, the psychoanalytic understanding of sexual difference has been deemed a heteronormative construction which serves to uphold a violent, Western colonial binary logic. Is there a possibility to restore a concept of the feminine as radical difference while at the same time taking heed of decolonial and queer critiques of psychoanalytic discourse? I propose that an elaboration of trans femininity can offer a different and constructive avenue into rethinking the radical possibilities of femininity for a feminist philosophical project. Building on the work of Patricia Gherovici and Shanna T. Carlson, as well as Juliet Jacques' suggestion that there might be an écriture trans feminine, this paper offers a reading of third generation trans theorists, such as Andrea Long Chu and Maria Ramnehill, who posit femininity as a bodily desire and a truth procedure to rethink a feminist theory of difference.

**Palavras-chave:** Feminist philosophy. Lacanian psychoanalysis. Radical difference, trans femininity. Femininity.

## INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE GANANATH OBEYESEKERE

*Arthur Brandolin de Souza Lemes*  
*UFSCar/USP-RP*  
*arthur.brandolin@gmail.com*  
*José Francisco Miguel Henriques Bairrao*  
*USP-RP*  
*bairrao@usp.br*

O presente trabalho tem como proposta central apresentar Gananath Obeyesekere e alguns de seus principais operadores conceituais: Motivação Profunda; Trabalho da Cultura; Símbolo Pessoal. Por se tratar de um autor pouco conhecido no Brasil e tendo desenvolvido uma vasta literatura no campo da Antropologia Psicanalítica acredita-se que este trabalho introdutório seja fundamental para promover uma abertura aos debates do campo em questão. Para atingir tal objetivo foi imprescindível relacionar aspectos biográficos do autor, como sua nacionalidade e trajetória de pesquisa, com seus desenvolvimentos teóricos e conceituais. Sendo assim, o artigo teve como delineamento metodológico a leitura crítica das principais obras do autor (*Medusa's Hair, 1981; Cult of Goddess Pattini, 1984; The Work of Culture, 1990*), evidenciando a íntima relação entre seu trabalho de campo etnográfico, seus estudos de casos clínicos e seu desenvolvimento teórico-conceitual. O procedimento se deu em quatro etapas: A primeira etapa consistiu em uma leitura exploratória das obras, buscando apreender o sentido desejado pelo autor, expresso por ele próprio nas introduções e prefácios. A segunda etapa consistiu na compreensão das bases teóricas do autor, em quem ele se embasa e quem são alvos de críticas. A terceira etapa consistiu em elucidar os três principais operadores conceituais de Obeyesekere, que atravessam todo seu percurso e obras. A quarta e última etapa, consistiu em colocar em foco a hipótese de que Obeyesekere pode não ser um autor muito lido no circuito canônico da Antropologia e da Psicanálise por se tratar de um autor não eurocêntrico e que, apesar de não utilizar do termo específico, desenvolve um pensamento que poderíamos chamar de “decolonial”. Conclui-se então que Obeyesekere oferece uma vasta e significativa contribuição para a teoria psicanalítica e antropológica, tendo um pensamento original e com extremo rigor teórico. Sua importância ultrapassa os limites do debate teórico e se coloca como politicamente relevante ao questionar um cânone acadêmico eurocêntrico.

**Palavras-chave:** Símbolo Pessoal. Motivação Profunda. Trabalho da Cultura. Decolonialidade.

## GANANATH OBEYESEKERE E O SÍMBOLO PESSOAL

*Arthur Brandolin de Souza Lemes*  
*UFSCar/USP-RP*

*arthur.brandolin@gmail.com*

*José Francisco Miguel Henriques Bairrão*  
*USP-RP*

*bairrao@usp.br*

Nativo do Sri Lanka, Gananath Obeyesekere é um intelectual que desenvolveu seus estudos no campo da Antropologia Psicanalítica, efetuando estudos de casos clínicos; desenvolvimentos teóricos; e etnografias em seu país de origem, centrando suas análises na religiosidade local, processos simbólicos e a história colonial do Sri Lanka. Ficou conhecido no Brasil por uma controvérsia acadêmica com Marshall Sahlins na década de 1990, mas pouco foi discutido sobre seu trabalho para além desse embate. Uma das noções mais importantes na obra de Obeyesekere é a de Símbolo Pessoal, podendo ser tratado como conceito ou como operador conceitual, essa noção transpassa vários momentos da produção intelectual do autor, sendo definido e redefinido ao longo dos anos. Obeyesekere mantém suas construções em aberto, dando espaço para que suas experiências de campo, estudos de caso e desenvolvimento teórico contribuam continuamente com suas formulações conceituais. Assim como em Freud (uma das bases teóricas fundamentais do autor), Obeyesekere nos apresenta um caso paradigmático para o desenvolvimento da noção de Símbolo Pessoal, o caso Abdin, um mulçumano que se especializa em rituais de tradição hindu. Esse caso nos é apresentado na obra “*Medusa 's Hair*” (1981), posteriormente é retomado em “*The Work of Culture*” (1990). Juntamente com o desenvolvimento desse caso é desenvolvida a noção de Símbolo Pessoal, resultando em um operador conceitual aberto em sua definição, mas articulado com outros dois operadores conceituais, a Motivação Profunda e o Trabalho da Cultura. Tais contribuições têm relevância tanto para o desenvolvimento teórico da Psicanálise e Antropologia como para fazer prático.

**Palavras-chave:** Antropologia Psicanalítica. Símbolo Pessoal.

## A CONTRATRANSFERÊNCIA COMO ENODAMENTO ÉTICO-POLÍTICO

*Jonatas Tiburtino dos Santos*

*UNICAP*

*jonatas.2021803062@unicap.com*

*Véronique Donard*

*UNICAP*

*veronique.donard@unicap.br*

Este estudo parte do pressuposto de que o psicanalista é afetado por contingências diversas de seu tempo e lugar, assim como a teoria e clínica psicanalítica exercida reproduzirá, em alguma medida, as marcas dessa afetação. Como consequência, tal exercício resulta da promoção de um modo específico de subjetivação e de distribuição de poder na dinâmica social, assim como os reproduzirá. Isso significa que essa afetação e reprodução têm natureza ética e política. A articulação dessa problemática surgiu através do estudo sobre a introdução da psicanálise no Brasil ocorrida nos primeiros anos do século XX, quando estava em vigor um projeto para modernização do país. Projeto que incluía estratégias sanitárias, disciplinares e educativas para ultrapassar as marcas do constrangimento por ser a última nação da América Latina a abandonar o escravismo e a se tornar república. O primeiro fato ocorreu em 1888; o segundo, um ano depois. A introdução da Psicanálise foi iniciativa do poder público e da comunidade psiquiátrica por buscarem embasamento científico para as estratégias empreendidas nesse projeto, visando à promoção da higiene mental. Entretanto, os relatos históricos da República Brasileira e da introdução da Psicanálise no país deixaram transparecer que essas estratégias eram inspiradas na eugenia e na teoria da degenerescência. Essas concepções afirmavam a superioridade dos requisitos hereditários apenas atendidos pelos caracteres fenotípicos do homem branco europeu, que repercutiam num ideal de conduta moral e disciplinar, em detrimento dos pretos, índios e miscigenados brasileiros. A teoria e a clínica psicanalítica tiveram o papel de examinar e aplicar técnicas para corrigir os vícios e taras, em prejuízo ora do seu pilar ético, ora da sua posição política. Mas, a violação da ética e da política da teoria e clínica psicanalítica só pode ser decorrente de uma posição específica prescrita a esse respeito. Além disso, podemos também implicar certa precariedade no laço entre a ética e a política nesse contexto. Assim, questionamos se o recurso teórico com efeito clínico em condições de fazer frente a essa precariedade seria a abordagem sistemática dos afetos que agem, de modo inconsciente, sobre o psicanalista: a contratransferência. Como esta última pode contribuir desde a formação do psicanalista a respeito dos atravessamentos inconscientes da contingência histórica? Como ela pode representar um recurso para a não reprodução de influências nocivas para os modos de subjetivação e de distribuição de poder na dinâmica social?

**Palavras-chave:** Psicanálise. Contratransferência. Contingência histórica. Ética. Política.

**ALAIN BADIOU E A CENA DO DOIS: A VERDADE DA DIFERENÇA**

*Guilherme Arthur Possagnoli Freitas*  
UFSC/UNICAMP  
guiarthur@hotmail.com

O trabalho debruça-se sobre as teorizações de Alain Badiou no campo do amor, enquanto *Cena do Dois*. O encontro entre duas disjunções radicais, *Homem* e *Mulher*, que promoveria o advento de uma verdade, a verdade da diferença. Badiou considera que a psicanálise lacaniana representou uma possibilidade de renascimento da filosofia, a partir do reconhecimento do Dois presente no amor. O intuito do trabalho é, sem perder de vista às produções de Jacques Lacan, especialmente os *Seminários VIII e IX*, poder pensar um amor para além do narcisismo. As obras de Alain Badiou utilizadas serão seus dois *Manifestos pela filosofia* (1989,2009), *O ser e o evento* (1988), *Conditions* (1992) e *Elogio ao Amor* (2009). Assim, a abordagem permitirá pensar o amor para além da busca de um estado de perfeição original, como um procedimento produtor de verdades sobre a diferença radical na posição dos amantes. Uma verdade que se caracteriza pelo rompimento com os saberes pré-estabelecidos, diferentemente de um narcisismo voltado para a repetição e o retorno a um estado mítico. Por fim, as implicações práticas no tratamento analítico são consequência da amplitude da proximidade conceitual entre amor e transferência para a psicanálise. Ao ser proposto pelo presente trabalho um novo amor – que é justificado pelas discussões técnicas de Lacan, por exemplo, o questionamento da identificação do paciente ao analista – é necessário articular como as novas formulações podem impactar na prática clínica psicanalítica de orientação lacaniana.

**Palavras-chave:** Badiou. Amor. Narcisismo. Lacan.

## NOÇÃO DE LEI NA INTERFACE ENTRE A PSICANÁLISE LACANIANA E O DIREITO

*Izabella Gonçalves Costa Teixeira*  
*UFLA/ CNPq*  
*izabella.teixeira1@estudante.ufla.br*

No primeiro semestre da graduação de Direito é apresentada aos estudantes a dicotomia entre saber zetético e dogmático. Essa fantasia, tratada por muitos como um axioma, parte da ideia de que o saber/conhecimento na ciência jurídica pode ser separado entre, respectivamente, infinito *versus* finito, especulação *versus* ação, divagação *versus* assertividade. Sendo assim, ao se separar aquilo que é considerado subjetivo, de uma suposta parte objetiva, vende-se uma falsa segurança das normas jurídicas – principalmente na lei escrita – que tornam o aluno e a aluna de Direito, desde o início de suas formações, reféns do sentimento de proteção de uma legalidade dita imparcial. O desejo, no sentido psicanalítico apresentado por Lacan, que conduz esse estudo exploratório da noção de lei, é mostrar que a produção de sentidos nunca é única e inequívoca, por meio, principalmente, do exame da tese de doutorado da professora Jeanine Nicolazzi Philippi. Ademais, o objetivo dessa pesquisa é evidenciar que na racionalidade jurídica ocorre um abafamento dos pressupostos subjetivos que sustentam a fundação da norma escrita. Ou seja, trata-se de uma camuflagem das influências religiosas, romanas e consuetudinárias do Direito Ocidental, justificadas em uma falsa ideia de agilidade e eficiência. À vista disso, se começamos a nos questionar os motivos que levam as pessoas a obedecerem às leis, em quais momentos os sujeitos aceitam se submeter, ou então porque grande parte do contingente humano prefere a obediência e a servidão voluntárias, no lugar de uma liberdade idílica, percebemos que os discursos político-jurídicos dicotômicos não são capazes de sustentar e explicar a legalidade como ela se encontra na ordem simbólica que determina os sujeitos. Por conseguinte, se a filosofia pode ser chamada de “mãe de todas as ciências” por ter sido o ponto de partida do questionamento na antiguidade, a psicanálise poderia ocupar o lugar de “madrasta” ao interpelar todas as certezas do homem moderno. Em paralelo, se a lei humana for pensada como um princípio que ordena e estrutura os pressupostos éticos de uma sociedade a partir de interditos, a articulação entre os poderes instituídos e o *topos singular* que legitima as condutas e trocas sociais precisam ser analisados. Logo, a noção de lei é uma questão epistemológica, ética e política da psicanálise, e da filosofia da psicanálise, se considerarmos o ser humano como um produto da linguagem. Em outros termos, se o ser humano nasce na linguagem, e a lei jurídica é dita pelo ser humano, para o ser humano, ambos estão conectados por uma interação dialética sobre a qual cabe refletir.

**Palavras-chave:** Lei. Psicanálise. Direito. Sujeitos. Ordem Simbólica. Interditos.

**POR QUE A TEORIA CRÍTICA PRECISA DA PSICANÁLISE? O DEBATE  
ENTRE AUTORREFLEXÃO E TEORIA PULSIONAL**

*Paula Mariana Entrudo Rech*  
UFRGS  
*paula.mariana.rech@gmail.com*

Os objetivos da presente pesquisa se dirigem a reconstruir o significado da psicanálise na obra *Conhecimento e Interesse*, publicada por Jürgen Habermas em 1968, indicando seu lugar na estrutura argumentativa dessa obra, suas especificidades em relação às leituras mais habituais da psicanálise freudiana e suas dificuldades particulares. Além disso, será investigado os motivos que levaram Habermas ao progressivo afastamento da teoria pulsional de Freud durante o desenvolvimento do projeto contido em *Conhecimento e Interesse*, discutindo suas possíveis consequências. A partir disso, reconstruiremos o debate atual sobre a incorporação da psicanálise na teoria crítica, contrapondo dois de seus principais modelos: o modelo da autorreflexão, proposto por Jürgen Habermas em *Conhecimento e Interesse* (1968) – e que encontra eco em desenvolvimentos recentes de Axel Honneth – e a tentativa de reincorporar a teoria pulsional segundo um modelo kleiniano, desenvolvida por Amy Allen. Partindo dessa interlocução entre psicanálise e teoria crítica, Allen, em seu artigo “*Are We Driven? Critical Theory and Psychoanalysis Reconsidered*” (2015), debate com Axel Honneth a importância de reafirmar a necessidade da psicanálise para a teoria crítica e leva em conta a teoria das pulsões para uma interpretação correta da psicanálise. Por outro lado, mesmo que Allen concorde com a afirmação feita por Honneth de que a teoria crítica precisa da psicanálise, sobretudo devido a questões metanormativas e explicativas, o que surge como ponto relevante para uma explicação é qual versão psicanalítica deveria ser abarcada pela teoria crítica. Por esse viés, a autora propõe, contra uma interpretação intersubjetiva da teoria das relações objetais de Winnicott, defendida por Honneth, que a versão que melhor cumpriria os objetivos da teoria crítica, principalmente no que concerne a fornecer uma concepção mais realista de pessoa e uma abordagem explicativa mais rica da agressividade e da destrutividade humana, seria encontrada no trabalho teórico voltado às pulsões de Melanie Klein. Dessa forma, pretende-se, por meio da articulação dos pilares psicanalíticos aos pilares da teoria crítica, especialmente pela via dos conceitos de autorreflexão, emancipação e pulsão, estabelecer uma diretriz a partir da qual possamos sobrepujar as lacunas encontradas no projeto habermasiano para, então, partimos em busca de respostas a respeito dos motivos pelos quais a teoria crítica precisa da psicanálise e da versão psicanalítica que deve, afinal de contas, ser adotada. Apesar de seu caráter esclarecedor, defenderemos que o debate contemporâneo sobre o projeto habermasiano não esgota o potencial nele presente, chamando atenção para nexos ainda frutíferos entre teoria crítica emancipatória e teoria psicanalítica.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Teoria Crítica. Autorreflexão. Pulsão.

## A RECEPÇÃO FILOSÓFICA DA PSICANÁLISE NA ALEMANHA POR CARL MÜLLER-BRAUNSCHWEIG

Caio Padovan  
Université Paris Diderot – Paris 7/ UNESP/UFSCar  
caiopadovanss@gmail.com

A fim de contribuir com o debate atual sobre a história da recepção filosófica da psicanálise, pretendemos discutir nessa comunicação a posição defendida pelo filósofo e psicanalista alemão Carl Müller-Braunschweig no artigo: *Sobre as relações da psicanálise com a filosofia*. Inicialmente apresentado pelo autor em 1924, no V. Congresso Internacional de Filosofia, realizada em Nápoles, na Itália, e posteriormente publicado nos anais do evento, o texto será reimpresso no ano seguinte pela revista *Imago*, periódico editado na época por importantes membros do movimento psicanalítico. Nossa fala será dividida em três grandes partes. Abordaremos em um primeiro momento certos aspectos editoriais do texto. Na sequência, traremos de alguns elementos de contexto, buscando demonstrar a pertinência do material para os estudos de filosofia da psicanálise. Por fim, examinaremos algumas das teses e contribuições de Müller-Braunschweig, nos concentrando mais especialmente nos temas avançados pelo autor no artigo supracitado.

**Palavras-chave:** História da recepção filosófica da psicanálise. Filosofia da Psicanálise. Movimento psicanalítico.

## TEORÍA CRÍTICA Y PSICOANÁLISIS EN LEO LÖWENTHAL

*Fabrizio Fallas-Vargas*  
*Instituto Tecnológico de Costa Rica/Universidad de Costa Rica (UCR)*  
*fv.fabrizius@gmail.com*

Se explora la función del componente psicoanalítico en la analítica de dominación de Leo Lowenthal, con el fin de comprender la arquitectura del sujeto que se desintegra y configura dentro de la organización capitalista de la existencia, cuyos despliegues contemporáneos muestran no solo la validez de los planteamientos de Löwenthal, en tanto que pensador frankfurtiano, sino la urgencia estratégica, desde nuestras realidades, para establecer vínculos constructivos con su legado.

**Palavras-chave:** Löwenthal. Teoría Crítica. Psicoanálisis.

## UMA INTERPRETAÇÃO FILOSÓFICA DA PSICANÁLISE FREUDIANA A PARTIR DA HERMENÊUTICA DE PAUL RICOEUR

*Pedro Henrique Cristaldo Silva*

*UFMS*

*pedro.h.c.silva@ufms.br*

*Jhonatan Gabriel Alves da Silva Santana*

*UFMS*

*jhonatan.gabriel@gmail.com*

Paul Ricoeur (1913-2005), filósofo francês conhecido por seu desenvolvimento teórico inicial na fenomenologia e posteriormente na área da hermenêutica filosófica, se debruçou não apenas sobre as linhas continentais da filosofia, mas também sobre o discurso interpretativo de uma nova linha de pesquisa que ganhava força na França do século XX: a psicanálise. Ricoeur, ainda na década de 60, propõem-se a investigar exaustivamente a consistência epistemológica do discurso psicanalítico em sua abordagem freudiana. Sua investigação resultou em uma obra publicada em 1965, sob o título *Da Interpretação – Ensaio sobre Freud*. Concentrar-nos-emos, no entanto, não propriamente no *Da Interpretação*, mas em um ensaio posterior, intitulado “Uma interpretação filosófica de Freud”, inserido em sua coletânea de textos *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica* de 1969. Nesse texto, Ricoeur distingue inicialmente duas posturas que o filósofo adota quando investiga a obra de Freud: a leitura e a interpretação filosófica. Nos resta, para além da leitura, a interpretação filosófica a partir da análise ricoeuriana da obra de Freud. Nossa proposta, nesse sentido, é discutir o estatuto epistemológico da psicanálise freudiana a partir da filosofia hermenêutica de Paul Ricoeur, além de propor uma reflexão que “pensa a partir de Freud, isto é, depois dele, com ele e contra ele.” (RICOEUR, 1978, p. 159). Ricoeur aponta três traços a partir de sua leitura e interpretação filosófica de Freud empreendida em seu texto: i) discurso misto, que articula o sentido hermenêutico e a força naturalista; ii) arqueologia do sujeito e iii) teleologia do sujeito. Portanto, é a partir dessas considerações que apresentaremos a singular interpretação filosófica da hermenêutica de Paul Ricoeur da obra freudiana.

**Palavras-chave:** Epistemologia. Filosofia. Interpretação. Psicanálise. Ricoeur.

## O LUTO COMO CATEGORIA ÉTICO-POLÍTICA NA FILOSOFIA DE JUDITH BUTLER

*Petra Bastone*  
*UFLA/UFSJ/UFRJ*  
*petrabastone93@gmail.com*

A filosofia da pensadora estadunidense Judith Butler possui grande influência da psicanálise, sobretudo da psicanálise freudiana. Com e através dela, Butler fórmula críticas e debates sobre gênero, sexualidade, melancolia e luto, pensado pela autora como uma categoria ético-política. Utilizando a obra *Luto e melancolia* de 1917 em grande parte de seus trabalhos, Butler constrói sua teoria pensando através do luto na psicanálise freudiana, fundamental para pensar a construção do Eu através das identificações e também para pensar a vulnerabilidade dos corpos. Meu objetivo neste trabalho é pensar como, para Butler, a teoria do luto freudiana é fundamental para pensá-lo politicamente, mostrando como determinados corpos são passíveis de luto e outros não. Para isso, mobilizarei obras em que a autora trata da interdependência e da vulnerabilidade para elucidar como a possibilidade do luto é capaz de escancarar a desigualdade social.

**Palavras-chave:** Luto. Melancolia. Vulnerabilidade.

**ARTE E CIÊNCIA EM FREUD: REFLEXÕES EPISTEMOLÓGICAS**

*Avair Guilherme Amaral de Carvalho*  
*UFSCar*  
*guilhermecarvalhopsicologo@gmail.com*

Os artistas estão bem adiante de nós em relação ao conhecimento do inconsciente, diria Freud ao reconhecer os limites do conhecimento científico-positivista de sua época. Não obstante e de maneira enfática, fundamenta a psicanálise no campo das Ciências Naturais, em oposição às Ciências do Espírito, distinção que vigorava em seu tempo. Este trabalho retoma o problema ontológico entre o “humano” e o “natural” no desenvolvimento do pensamento freudiano, demonstra que procurou empregar os mesmos métodos aplicados aos objetos das "Ciências da Natureza" para investigar os fenômenos do "Espírito Humano", o que justificava sua insistência em permanecer ao lado das Ciências Naturais. Ao mesmo tempo em que esbarrava na impossibilidade de demonstrar evidências empíricas e imediatas de sua teoria, procurou recorrer ao campo das artes e da literatura para tecer sua argumentação. Por fim, este trabalho demonstra que nos dias atuais podemos situar a psicanálise num campo científico mais amplo, no qual as “fronteiras” entre as Ciências Humanas e Naturais encontram-se diluídas.

**Palavras-chave:** Epistemologia da psicanálise. Ciência. Arte.

## CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS DE ESTUDOS SOBRE A HISTERIA: UMA ANÁLISE LÓGICO-CONTEXTUAL

João Lucas Zanchi  
PUC-SP/UFSCar  
jlbzanchi@gmail.com

Nossa exposição visa apresentar uma leitura crítica da parte “Considerações teóricas” do livro *Estudos sobre a histeria* publicado por Joseph Breuer e Sigmund Freud em 1895. O texto em questão teria sido escrito por Breuer como forma de contribuição ao trabalho conjunto, e responderia, como o próprio nome já diz, às elaborações propriamente conceituais e epistêmicas que fundamentariam as hipóteses “clínicas” ali expostas. Nosso objetivo é chamar a atenção para alguns *aspectos formais* que julgamos importantes de sua escrita, assim como para alguns fatos da relação entre os dois autores que se fariam fundamentais para sua leitura. Pois argumentamos que, de modo totalmente contraintuitivo, *Estudos sobre a histeria* refletiria acima de tudo o afastamento entre Freud e Breuer, devendo ser tomado, assim, como um texto essencialmente cingido, mais do que como um trabalho bem-sucedido em parceria. Nesse sentido, analisamos a parte sobre as *Considerações teóricas* para demonstrar que, na verdade, sua escrita dá vida a uma disputa dialética invisível entre os autores e expõe suas divergências no plano teórico. Isso acontece justamente porque é ali que eles são chamados a justificar suas ideias sobre a etiologia da histeria e a fundamentar suas posições – o que, evidentemente, envolvia um esforço epistêmico, assim como a mobilização de discursos e racionalidades que legitimassem as referidas posições. O texto é prenhe em pontos de contradição: momentos em que ele se esforça por negar algumas de suas próprias afirmações e incursões mais ou menos destoantes do restante (tanto em conteúdo quanto em vocabulário). Na verdade, tudo leva a crer que, embora escrito por Breuer, ele tenha sido objeto de intervenções diretas da pena de Freud; que, não obstante, são respondidas pelo próprio Breuer no curso da escrita. Em suma, a negligência dessa perspectiva lógica e contextual parece resultar em uma leitura que deve deparar com um mar de complexidades conceituais desnecessárias, a tentar desvendar a lógica de uma sequência argumentativa que não tem nada de linear nem de consistente. A esperança é de que nosso trabalho possa esclarecer esses aspectos e elevar a discussão sobre esse texto, frequentemente deixado de lado no âmbito dos estudos psicanalíticos, a um outro patamar.

**Palavras-chave:** Freud. Breuer. Histeria.

## MÉTODO E REALIDADE: OBJETIVIDADE DO CONHECIMENTO A PARTIR DA PSICANÁLISE

*Jonathan Postauê Marques*  
*UFMS*  
*jonathan.postaue@ufms.br*

O filósofo brasileiro Ivan Domingues (1952) na obra *Epistemologia das Ciências Humanas: tomo 1 – positivismo e hermenêutica*, produz uma discussão sobre a objetividade das ciências humanas. Em linhas gerais, a objetividade é apresentada como uma aproximação do real que é necessariamente intermediada por um sujeito, nas ciências humanas não haveria um instrumento que possibilite analisar o real independente do sujeito. Dada a participação ativa do sujeito na produção científica é preciso um método para investigação, assim, garante-se um caminho seguro para identificar o real. Ivan Domingues apresenta diferentes métodos/caminhos percorridos pelas ciências humanas para aproximar-se da *realidade*, entre os métodos apresentados, está a psicanálise freudiana. Como é feita a recepção filosófica da psicanálise por Ivan Domingues? O objetivo deste trabalho é apresentar a *recepção filosófica brasileira da psicanálise* a partir de Ivan Domingues.

**Palavras-chave:** Método. Ciências Humanas. Psicanálise.

## ESTUDANDO O PROJETO DE UMA PSICOLOGIA DE FREUD: O PROBLEMA DOS “NEURÔNIOS-CHAVE”

Samuel Estevão Vieira da Silva  
UFSCar/UNESP – Campus de Marília  
samuelestevaovs@gmail.com

Conforme o manuscrito de Freud *Projeto de uma psicologia*, o mundo externo é formado por “grandes quantidades de energia”, que estão em movimento constante e propagam violentamente seu movimento. O organismo vivo situado no mundo é permanentemente atingido por essas quantidades (Qs), de modo que seu sistema nervoso se estruturou no sentido de oferecer proteção contra as forças de origem externa. Ser atingido por uma Q equivale a ser estimulado, de maneira que um estímulo, a princípio, corresponde à ação de Qs de origem externa, tal como ocorre na dor, que consiste na invasão de grandes Qs no organismo. Mas, por outro lado, o organismo é estimulado também por Qs de origem interna, tal como ocorre nas situações de carência da fome e da sexualidade, originadas por meio de liberação de Q do interior do corpo. De acordo com a teoria proposta pelo *Projeto*, o neurônio – partícula material que compõe o sistema nervoso – “aspira a libertar-se de Q”, esforçando-se para manter a quantidade interna em nível constante e o mais baixo possível (“princípio da constância”). A Q perturba a tranquilidade do organismo, aumentando seu nível conforme ele é afetado por um objeto hostil (na dor) ou conforme é estimulado pela fome ou pela necessidade sexual (situações de desprazer). Para eliminar a Q em tais ocorrências de aumento de nível, o organismo deve realizar determinado trabalho: o de defesa contra o objeto hostil e o de busca e usufruto do objeto de satisfação de suas carências (“ação específica”). Porém, Freud supõe a existência de um neurônio especial, denominado “neurônio-chave”, que, ao invés de comportar-se segundo o princípio da constância, atua influenciando na produção de Qs, e não na sua eliminação. Esta comunicação tem como objetivo propor uma reflexão a respeito do significado dessa concepção para o estudo do *Projeto*, uma vez que o neurônio-chave pode ser tomado, à primeira vista, como uma suposição “estranha” e como contradição à teoria quantitativa na qual se baseia o manuscrito. Mas essa maneira de compreendê-lo desconsidera ou negligência a questão da origem da quantidade de energia que é necessária para o trabalho de defesa (gasto de Q) contra uma recordação do objeto hostil. Nesse sentido, o problema do neurônio-chave pode ser compreendido não como uma contradição à teoria do *Projeto*, mas como um paradoxo com o qual ela precisa lidar de alguma forma, algo que encarnaria uma espécie de coincidência entre produção e dispêndio de Q.

**Palavras-chave:** Psicologia. Freud. Filosofia da psicanálise.

## À MESA DO DESEJO: DA ESCOLHA DELIBERADA AO ATO DESENFREADO

*Michelle Calheiros Lima*

UNICAP

*michelle.2020803077@unicap.br*

*Véronique Donard*

UNICAP

*veronique.donard@unicap.br*

O trabalho é um recorte de pesquisa que propõe apresentar o canibalismo bifurcado em uma razão que delibera e o desenfreamento do desejo, em um diálogo entre filosofia e psicanálise. Brillat-Savarin, na *Fisiologia do gosto* (2009), argumenta que as primeiras sensações do gênero humano não passaram pela razão. O ser humano viu sem precisão, ouviu confusamente, cheirou sem discernimento, comeu sem saborear e gozou com brutalidade. Mas, com o passar do tempo, essas primeiras sensações foram refletidas, comparadas, julgadas e utilizadas para o bem-estar. Aristóteles, em sua *Ética a Nicômaco*, (2020), afirma a possibilidade de conciliação entre razão (*logos*) e desejo (*orexis*): é o desejo quem comunica, mas é a razão quem pondera. E quando se deseja sem ponderação? Nosso objetivo é apresentar a tensão entre a deliberação do desejo e sua satisfação desenfreada - do banquete canibal dos Tupinambás ao canibalismo de Jeffrey Dahmer. Para Freud (1900), o desejo cria e movimenta o mundo onírico graças à ausência da razão. A comunicação entre razão e desejo resulta na escolha deliberada, na capacidade de pesar as ações, de investigar, gerando decisões e escolhas, tal como acontece nos rituais antropofágicos – da captura a devoração – dos comensais ao prisioneiro, onde todos participam respeitando as regras. Já o canibalismo praticado pelo criminoso Jeffrey Dahmer busca saciar o desejo desenfreado – sendo a devoração, para a psicanálise, o desejo em sua forma mais primitiva – livre do recalque da realidade e da razão.

**Palavras-chave:** Canibalismo. Razão. Desejo. Psicanálise.

REVISITANDO A RELAÇÃO ENTRE PSICANÁLISE E MATERIALISMO  
DIALÉTICO: O DIÁLOGO ENTRE FENICHEL E REICH

*José Henrique Parra Palumbo*  
UEM/USP/Université Paris-Diderot  
*jhparrap@gmail.com*

Este trabalho tem por objetivo apresentar, dentro do escopo da história das ideias psicanalíticas, o impacto do diálogo entre Wilhelm Reich (1897-1957) e Otto Fenichel (1897-1946) na obra deste, em especial sobre seu programa teórico de uma ‘psicologia dialético-materialista’, elaborado a partir de uma reflexão epistemológica a respeito dos fundamentos da psicanálise em *Sobre a psicanálise como gérmen de uma futura psicologia dialético-materialista* (Fenichel, 1934a). Para isto, faz-se uso do expediente metodológico, consagrado na História da Filosofia, de leitura e exame interno de textos relevantes para o problema em análise. Assim, inicialmente, é feita uma contextualização da relação entre os dois autores em meio ao movimento psicanalítico entre os anos 1920 e o início da década de 1930. Com isto em mãos, analisa-se como as diretrizes internas estabelecidas no programa de Fenichel (1934) remontam ao conhecido trabalho de Reich, intitulado *Materialismo dialético e psicanálise* (1929). Em seguida, explora-se a intertextualidade deste programa elaborado por Fenichel (1934a) com um trabalho postumamente publicado como anexo na edição de suas cartas, trocadas com um grupo de psicanalistas identificados com o pensamento de esquerda, no qual o autor analisa suas diferenças para com o próprio Reich e para com Freud (*Sobre algumas diferenças entre mim e Reich nas concepções psicanalíticas*, Fenichel, 1934b/1998). E, por fim, discute-se as possíveis implicações desta aproximação entre a psicanálise e o pensamento dialético-materialista realizada por estes psicanalistas para o debate em torno dos limites do conhecimento psicanalítico.

**Palavras-chave:** Otto Fenichel (1897-1946). Wilhelm Reich (1897-1957). Psicanálise. Materialismo-dialético.

## AUTORITARISMO E ANALIDADE: ANÁLISE DO CARÁTER SEGUNDO REICH E FROMM

*Victor Emmanuel Urio*  
*UEM*  
*victurio@protonmail.ch*  
*Aline Sanches*  
*UEM*  
*asanches@uem.br*

A partir de uma revisão bibliográfica das obras de Wilhelm Reich e Erich Fromm, buscou-se compreender os aspectos psicológicos envolvidos na adesão das massas à projetos políticos autoritários. A radicalidade e crítica destes autores freudo-marxistas permanecem atuais para explicar o autoritarismo de modo geral e o neo-fascismo em particular. Ora aproximando-se, ora afastando-se, ambos posicionaram o conceito de caráter no âmago de suas críticas. A formação do caráter consiste em modos de reação mais ou menos estáveis e automatizados de aspecto egossintônico. Destaca-se aí o caráter anal, prevalente na sociedade ocidental tal como demonstrado inicialmente por Freud. Essa categoria tipológica, derivada de fixações na segunda etapa do desenvolvimento sexual, possui como traços centrais o pedantismo, a obstinação e a avareza, e não surpreende que seja prevalente em uma sociedade burguesa. Pensando o fascismo como uma exacerbação de elementos latentes nessa sociedade, tem-se uma explicação de como esse fenômeno, ao mesmo tempo psicosssexual e socioeconômico, consegue a adesão das massas. Reich argumentava que cada organização social produz as estruturas de caráter necessárias para sua existência e destacou o papel da família, em particular de classe média, na formação de ideias autoritárias e na sustentação psicológica do fascismo. Introduziu a noção de couraça caracterológica, uma defesa que restringe a capacidade de prazer e adaptação da pessoa. Fromm contribuiu ao explicitar aspectos que Reich por vezes insinuou, aprofundando o repertório de uma psicanálise socialmente orientada. Além disso, contribuiu com uma associação minuciosa entre o autoritarismo, as angústias dos pequeno-burgueses frente a vida coletiva e a analidade. Exploramos os textos de Reich e Fromm para compreender o caráter em suas articulações com a ideologia e a estrutura social, dentro de uma abordagem freudo-marxista. As análises desses autores fornecem informações sobre os mecanismos psíquicos que favorecem a propagação de ideologias reacionárias e autoritárias, destacando a importância das condições sociais e econômicas na formação do caráter individual e coletivo. Com base neste trabalho apontamos para uma psicanálise ciente da superestrutura econômica e de suas manifestações inconscientes, capaz de revelar funcionamentos repressivos que, enraizados, mantêm-se até mesmo nos que optaram pela oposição ao capitalismo. Tomando a ética do desejo como princípio fundamental da psicanálise, o combate ao autoritarismo latente se dá, ao psicanalista, dentro e fora da clínica.

**Palavras-chave:** Reich. Analidade. Caráter.

## MARCUSE: O PROBLEMA DA CIVILIZAÇÃO E A FILOSOFIA DA PSICANÁLISE

*Felipe Ravison Paveglio*  
UFRGS  
*felipepaveglio@gmail.com*

O presente trabalho pretende analisar como Marcuse, ao abordar o problema da civilização a partir de conceitos freudianos, em sua obra “*Eros e civilização*”, traz uma nova perspectiva, uma nova noção de filosofia da psicanálise, diferente daquela desenvolvida até então por seus colegas do Instituto de Pesquisas Sociais ou pelos chamados “neofreudianos”. Ao defender a possibilidade de uma civilização não repressiva, Marcuse vai percorrer toda a metapsicologia e teoria da cultura freudiana. Freud afirmou que a civilização tem como condição necessária a renúncia da satisfação instintual por parte de seus indivíduos, e tal renúncia leva aos “mal-estares” presentes na civilização. O autor afirma ainda que a civilização se ergueu sob o pretexto de trazer mais segurança e menos sofrimento ao homem, pois no estado de natureza reinava a violência e o sofrimento. Paradoxalmente, Freud percebe que essa mesma civilização, que supostamente nos defenderia dos males e sofrimentos do barbarismo, é a principal causa de sofrimento psíquico. Freud não vê saída para isso, a civilização reprime nossos instintos, e a infelicidade gerada por tal repressão é o preço a se pagar para viver numa civilização, pois a gratificação integral dos instintos levaria o homem a regressar a um barbarismo infeliz e inseguro. Marcuse, por sua vez, vai afirmar que Freud não percebeu que em sua teoria havia um caráter sócio-histórico, e os mesmos conceitos que o levaram à sua visão pessimista da civilização escondem a possibilidade de inferir uma sociedade não-repressiva. Essa noção de civilização apresentada por Marcuse se trata de uma extrapolação dos conceitos freudianos, e é o que vai dar início a essa intersecção entre filosofia e psicanálise na obra do frankfurtiano. A partir dos conceitos freudianos Marcuse vai ampliar o escopo da filosofia da psicanálise para abranger não apenas o indivíduo, mas também as estruturas sociais. Somado a isso, em sua obra “*O Homem Unidimensional*” (1964) Marcuse irá ainda mais longe, estabelecendo um diálogo entre as ideias de Freud e Marx, abrindo as portas para uma filosofia da psicanálise ainda mais ampla. Em suma, este trabalho pretende partir de uma breve análise do problema da civilização de Freud, compreendendo os conceitos fundamentais que serão utilizados por Marcuse, para então compreender como a interpretação que Marcuse faz da teoria freudiana da civilização leva a uma nova forma de fazer e pensar a filosofia da psicanálise.

**Palavras-chave:** Freud. Marcuse. Filosofia. Psicanálise. Civilização.

## O APAGAMENTO PRETO NO ENSINO DA PSICANÁLISE

*Yasmim da Fonseca de Souza Nantes*  
*yasmim866@gmail.com*

*UCDB*

*Elaine Cristina da Fonseca Costa Pettengill*  
*UCDB*

*elaine.pettengill@unigran.br*

Apesar da psicanálise no Brasil já ter alcançado ampla divulgação no ensino e na pesquisa pela psicologia, vê-se que grande parte das referências estudadas nas universidades seguem o padrão da branquitude eurocêntrica, em que os estudos raramente são voltados para o entendimento de grupos minoritários. Considera-se que autores de referências psicanalíticas decoloniais como Frantz Fanon, Lélia Gonzáles e Grada Kilomba são pouco estudados e divulgados, ainda que seus trabalhos intelectuais sejam tão relevantes e substanciais para o tema. Deve-se refletir criticamente sobre o ensino da psicanálise no Brasil sob o ponto de vista da práxis decolonial e investigar as contribuições a partir de referenciais filosóficos e psicanalíticos. Pelo método de revisão narrativa com levantamento bibliográfico das contribuições dos autores Michel Foucault, bem como, os estudiosos decoloniais, para a psicanálise, no que se refere a objetos de estudo voltados à análise e discussão sobre os impactos do racismo na subjetividade. As contribuições para a psicanálise dos autores Frantz Fanon, Lélia Gonzáles e Grada Kilomba, são de vasta importância, acrescentando e complementando a teoria psicanalítica sobre os desdobramentos na subjetividade diante do colonialismo, do racismo, entre outros. As explorações vão desde a construção do Ideal de Eu da pessoa negra até os sintomas neuróticos pela cultura colonial, estudos sobre a maciça utilização do mecanismo de defesa do ego, a projeção, feita pela sociedade branca. Para além do racismo estrutural/institucional que exclui tamanha contribuição, existem as relações de poder, que permeiam a exaltação do conhecimento branco. O saber acadêmico psicanalítico tem privilegiado brancos, sendo excludente, tendo uma relação de poder e violência visando um saber que mantenha essa estrutura e o conhecimento eurocêntrico. O apagamento de psicanalistas pretas, revela a relação do poder patriarcal, dentre as poucas autoras estudadas, está Melanie Klein, branca, e por vezes tem sua teoria explicada de forma superficial nos cursos de graduação de psicologia. Em suma, uma sociedade burguesa com legado colonial enraizado numa democracia liberal, o conhecimento da vasta obra de autores negros decoloniais é excluído, apesar de inúmeras contribuições para a teoria psicanalítica, isso ocorre devido a manutenção das relações de poder patriarcal colonial.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Decolonialismo. Apagamento.

## É PRECISO "DESCOLONIZAR" A PSICANÁLISE? APORTES PARA UM PORVIR PSICANALÍTICO ANTICOLONIAL A PARTIR DA POÉTICA DE AIMÉ CÉSAIRE

Caio Francisco Azevedo Souza  
UFES/USP/UNIFESP  
caio.f.azev@gmail.com

Servindo-nos da produção poética do martinicano Aimé Césaire – um dos precursores do movimento literário da Negritude – como ponto de partida, a presente comunicação tem por fulcro identificar possíveis insuficiências do campo psicanalítico ao tratar da complexificação subjetiva dos sujeitos colonizados com base em sua *Erlebnis* marcada pela onipresença da violência. Pretendemos propor uma utilização criativa e subversiva de algumas das subvenções da Psicanálise, a partir de uma atitude crítica face às suas brechas metodológicas, para investigarmos os efeitos da colonização e os mecanismos de "liberação psíquica" desenvolvidos por estes sujeitos a fim de lidarem com o trauma de tal episódio histórico. Nos valeremos, outrossim, da ideia de alargamento da fenda da racionalidade europeia moderna, em decorrência das elaborações freudianas, sobretudo suas elucubrações em torno do conceito de inconsciente, para denunciar a irracionalidade que se manifesta nas crenças que sustentam as ideias de “civilização” e “humanismo” provenientes e orientadoras do cientificismo europeu, e demonstrar o caráter não universalizável das razões que compõe a existência dos sujeitos considerados a partir de suas particularidades. Por fim, intentaremos operar um breve desbravamento da poética de Césaire a partir da perspectiva da escuta psicanalítica, cujo enfoque não reside tão somente no que se enuncia, mas principalmente na transformação em “causa” dos fundamentos que se ausentam da enunciação.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Metodologia. Anticolonialismo.

## IDENTIDADE E DISCURSO CAPITALISTA: OS LAÇOS SOCIAIS A PARTIR DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Miguel José Camargo de Jezus  
PUCCAMP/IFCH-UNICAMP  
m261432@dac.unicamp.br

A teoria dos quatro discursos elaborada por Jacques Lacan no Seminário XVII - *O avesso da Psicanálise* (1969/1992) estabelece-os como sendo formas de laços sociais. Esses enlaçamentos entre agente do discurso e outro, determinam posições numa estrutura que opera em movimentos de rotação. Os discursos são elencados como sendo: o do mestre, o da histórica, do universitário e do analista. Estes são formalizados a partir de matemas compostos por quatro termos, a saber:  $S^1$ ,  $S^2$ ,  $\$$  e  $a$ . Posteriormente, ele formaliza um quinto discurso, o *discurso capitalista* como sendo uma torção no discurso do mestre (*mestre moderno*). Os discursos têm função de aparelhagem do gozo, na relação entre os sujeitos do inconsciente que é estruturado pela e na linguagem. Os termos dos discursos compõem cadeias significantes implicando o sujeito. Lacan afirma: “*um significante é o que representa o sujeito para outro significante*”. Nesse sentido, os discursos operam como modos de subjetivação, pois é nesse encadeamento discursivo que emerge o sujeito. Sujeito duplamente alienado, ou seja, alienado de si a partir do processo de reconhecimento que atravessa no estádio do espelho e alienado de seu desejo. Estas dinâmicas de reconhecimento produzem o que se denomina identidade. A estrutura dos discursos, portanto, opera aparelhando esta identidade, entendida como apalavrada de seus respectivos modos de gozo. O que Lacan propõe no *discurso capitalista*, são sujeitos *apalavrados* com o capitalismo, com um imperativo do gozo que não conhece sujeitos, apenas objetos de consumo. O *discurso capitalista* não é capaz de fazer laços sociais, pois opera em um regime de espoliação do gozo para a produção de mais-valia (mais-degozar). Esta pesquisa tem investigado a possibilidade de cotejamento do conceito de *discurso capitalista* para leitura dos fenômenos de identificação e formação de identidade racial do sujeito no capitalismo neoliberal. Neste sentido, compreende-se esse discurso como um catalisador de formas de dominação a partir da imposição de identidades hegemônicas e solapamento das diferenças. A partir dos Seminários de Jacques Lacan entre 1968 e 1971, tem sido realizada uma entrada no debate em Filosofia Política sobre as identidades na contemporaneidade. Este diálogo é realizado a partir de Neusa Santos Souza em "Tornar-se Negro" (2021) e Isildinha Baptista Nogueira em "A cor do inconsciente: significações do corpo negro" (2021). Esta comunicação visa apresentar as possibilidades de diálogo entre a obra de Lacan e tais debates, a fim de investigar como o racismo pode operar por meio do *discurso capitalista*.

**Palavras-chave:** Jacques Lacan; discurso capitalista; identidade; Filosofia.

## MASOQUISMO ORIGINÁRIO E PULSÃO DE MORTE

*Carolina de Souza Noto*  
*UFSC*  
*carunoto@hotmail.com*

Diante das dificuldades do dualismo pulsional de Freud, trabalhamos com a hipótese de que seria possível compreender a diferença entre pulsão de vida e pulsão de morte em termos de empírico e transcendental. Essas categorias permitem pensar que o organismo, e em particular o aparelho psíquico, tem duas funções que poderiam ser metodologicamente diferenciadas: uma função transcendental de destruição e uma função empírica de construção. Se isso faz sentido, a pulsão de vida, regida pelo princípio do prazer, poderia ser pensada como uso empírico da pulsão de morte, uma espécie de versão atual e singular daquilo que em nós é o mais arcaico. Uso empírico que faz com que a vida seja uma espécie de repetição da morte; uma repetição, entretanto, que a transforma e que, no fim das contas, se desvia dela. O fenômeno do masoquismo originário, contudo, parece trazer um problema a essa hipótese. Afinal, seria também esse fenômeno um desvio da morte ou, antes, uma manifestação pura da pulsão destrutiva? É possível encontrar algum vestígio de Eros no masoquismo originário ou seria ele pura pulsão de morte? A presente comunicação procurará trazer alguns elementos para refletir sobre a função da vida e da morte no fenômeno do masoquismo originário tal como este foi apresentado por Freud.

**Palavras-chave:** Masoquismo originário. Pulsão de Vida. Pulsão de Morte.

## A PULSÃO E SUA REPRESENTAÇÃO: UMA INVESTIGAÇÃO DO SEGUNDO DUALISMO PULSIONAL FREUDIANO

Gustavo Campassi Salgado  
UFSCar/FAPESP  
gustavocampassipsico@gmail.com

Este estudo ocupa-se com a transição do primeiro para o segundo dualismo pulsional, dando atenção especial ao conceito de *representação* (*Vorstellung*). Há, na obra de Freud, uma suposição a respeito da representação da morte que atesta que esta não tem lugar na vida psíquica (RAZINSKY, 2013, p. 15). Textos como “*Zeitgemässes über Krieg und Tod*” e “*Das Ich und das Es*” contêm algumas declarações pertinentes sobre a ausência de inscrição psíquica da morte. O primeiro, publicado em 1915, está situado no momento que consideramos ser o primeiro dualismo pulsional, e o segundo, publicado em 1923, está situado em um momento posterior, após a introdução do conceito de *pulsão de morte* (*Todestrieb*). Nesse segundo momento, a morte é entendida não apenas como um fenômeno, mas também como o objetivo de uma das principais pulsões, assumida em “*Jenseits des Lustprinzips*” como instanciando-se não apenas em relação à vida psíquica, mas também à própria vida orgânica em geral (FREUD, 1920/2020, p. 130). Em que relação podemos pensar nesse conceito e na inscrição de uma representação inconsciente de seu objetivo? Nos primeiros momentos da constituição da doutrina das pulsões (*Triblehre*), temos que o alcance de sua meta - a satisfação - ocorre por meio de um objeto. Este, por sua vez, está localizado psiquicamente como uma representação. Requer-se um objeto para o alcance de sua meta, ainda que a particularidade desse objeto não seja originária, mas surja no curso da história do desenvolvimento do circuito pulsional em questão. Tal característica implicará, portanto, a necessidade da representação - entendida como aquilo que configura o objeto para o psíquico - para a constituição da pulsão como tal. À luz dessa caracterização e do que foi apresentado em relação ao caráter supostamente irrepresentável da morte no aparelho psíquico, pretendo investigar possibilidades de se pensar a constituição do mesmo a partir do segundo momento dessa teoria pulsional, assumindo, como faz Hanns (1999, p. 84), que as representações constituem o próprio aparelho e, portanto, fundamentam a distinção entre as instâncias psíquicas.

**Palavras-chave:** Pulsão. Representação. Aparelho Psíquico.

## MASOQUISMO E CIVILIZAÇÃO: UM EXAME SOBRE O MASOQUISMO MORAL

Helena Zoneti Rodrigues  
UFSCar/CAPES

helenazonetirodrigues@estudante.ufscar.br

A presente comunicação abordará uma possível análise sobre o conceito de masoquismo em Freud a partir da nova teoria pulsional e tópica tratada no ensaio *Além do princípio do prazer* (1920) e *O problema econômico do masoquismo* (1924). Quando Freud redobra seu olhar a este termo, o masoquismo emergiria semelhante a um “mecanismo” pulsional que participa na elaboração de “uma culpa inconsciente e universal”, ou necessidade de punição do comportamento neurótico intrínseco ao Complexo de Édipo, pertencente ao Eu que extrai prazer de maneira masoquista destas punições do Supereu (o atuante sádico). A este "masoquismo", Freud o chama de "masoquismo moral": são punições de caráter mais impessoal e coletivo, condição suplementar entre o Eu masoquista e o Supereu sádico, resultante dos precipitados da dissolução do complexo de Édipo e das exigências do Supereu. Por conseguinte, ao observar que este compêndio do masoquismo moral pode se desvelar necessário ao advento da cultura (*Kultur*) e moralidade (*Sittlichkeit*), cabe averiguar a viabilidade ou inviabilidade de concatenar o conceito de masoquismo ao âmbito da moral. Desta forma, o masoquismo moral denotaria, como consequência de uma regressão em relação à consciência moral, um processo de ressexualização da culpa devido à relação entre Eu e Supereu. Se é possível pensar que o sentimento de culpa é marca da cultura e da civilização, mais ainda, da própria moral e “normatividade”, torna-se necessário localizar a centralidade do masoquismo naquilo de mais transgressor à civilização: o assassinato, o parricídio e o canibalismo tratados em *Totem e Tabu* (1912-1913) pode evidenciar, a partir da culpa destes atos violadores, o desenvolvimento e o processo da consciência moral no gênero humano. Portanto, o objetivo desta comunicação é apresentar como os temas “culpa”, “consciência moral”, “masoquismo” e “Édipo” se entrelaçam.

**Palavras-chave:** Masoquismo. Complexo de Édipo. Masoquismo moral.

## PULSÃO DE MORTE *AUF EINEM ANDERER SCHAUPLATZ*

*Inara Luisa Marin*  
*UNICAMP*  
*inara.marin@gmail.com*

Muito já foi dito sobre a pulsão de morte na Teoria Crítica. Esse conceito foi, majoritariamente, lido como uma pulsão agressiva e/ou destrutiva. Como uma consequência dessa leitura, há duas formas de encontrar a pulsão de morte nas teorias críticas: por um lado, o modo clássico representado por Adorno, Horkheimer, Marcuse e, mais recentemente, Whitebook, em que ela é vista como o fator que dá à psicanálise sua face de negatividade; por outro lado, um modo que leva ao desprezo da função nuclear da pulsão de morte na teoria psicanalítica, em nome da normatividade, como ocorre em Fromm e Honneth. O que proponho nesta apresentação é, a partir de uma comparação das obras de Freud, *Recordar, repetir e elaborar* (1914) e *Além do princípio do prazer* (1920), apresentar uma nova forma de apropriação do conceito de pulsão de morte para produzir uma teoria crítica atual. Isso significa não considerar o *Wiederholungszwang* como apenas um imperativo para a coerção, mas também uma compulsão à repetição. Acredito que, ao propor essa leitura da pulsão de morte (como foi proposta por Freud em 1920), é possível amplificar a gama de possíveis conexões entre a psicanálise e a Teoria Crítica, que mantém um lado da negatividade, sem perder sua normatividade. Gostaria de retornar para a leitura desse conceito visando seguir – agora em face de um outro diagnóstico – a pista da tentativa de Adorno e Horkheimer de construir uma nova antropologia crítica.

**Palavras-chave:** Filosofia da Psicanálise. Pulsão de Morte. Teoria Crítica.

**A CRIANÇA VISTA PELO ADULTO: EM QUE MEDIDA PODEMOS  
APLICAR A PSICANÁLISE AOS ESTUDOS DAS RELAÇÕES SOCIAIS PARA  
MERLEAU-PONTY**

*Daniel Cardozo Severo*  
*UNIFESP/UNITAU*  
*dcsevero@gmail.com*

Por volta do primeiro semestre de 1950, Merleau-Ponty professou o curso “A criança vista pelo adulto” na Sorbonne, na qual questiona em que medida podemos aplicar a Psicanálise aos estudos das relações sociais. O curso de nosso tema é o segundo curso de um conjunto de oito, reunidos e intitulados de “Psicologia e Pedagogia da Criança”. Neles, o filósofo realiza, sustentado pelo método fenomenológico, uma série de pesquisas. Elas possuem um conjunto de objetos de estudos, todos envolvendo ambas as Ciências, Psicologia e Pedagogia, e suas relações com a Filosofia, tornando-se ou retornando, assim, a serem problemas filosóficos. No caso do curso do tema em questão, seu objeto de investigação é a Pedagogia, vista pelo autor como uma Ciência subordinada a Psicologia (principalmente a da criança), por um lado, e a moral (porque supõe valores preestabelecidos que não questiona, mas os aplica), por outro. A Psicanálise surge nesse contexto de pesquisa para elucidar ambas as subordinações da Pedagogia. A elucidação promovida pela Psicanálise ao tema promove reflexões ao filósofo que evidenciam os problemas que a Pedagogia representa, isto é, ela realiza, tanto como subserviente a Psicologia quanto a moral, uma visão tecnicista de e do mundo. Ou seja, ela recusa à criança toda a significação existencial, e filosófica, e a reduz a um problema meramente técnico. Logo, para Merleau-Ponty, essa realização torna-se um problema situado entre a Filosofia e a Psicologia, e a Psicanálise possui uma posição ambígua frente a ele. Aos olhos do filósofo, ela pode ser tanto uma saída e solução ao problema – se depurada de seus prejuízos clássicos, quanto mais uma realização do mesmo – se não abrir mão dos mesmos prejuízos.

**Palavras-chave:** Filosofia da Psicanálise. Merleau-Ponty. Psicanálise.

## O NATURALISMO DE FREUD COMO UMA RESTRIÇÃO INICIAL À APROXIMAÇÃO DA FENOMENOLOGIA

*Cristian Marques*  
*PUCRS*  
*cristianmq@gmail.com*

O objetivo deste trabalho é pensar de que modo o naturalismo presente na obra de Sigmund Freud poderia ser um impeditivo *prima facie* para a articulação teórica entre psicanálise e fenomenologia, haja vista uma das oposições mais ferrenhas de Edmund Husserl foi contra o naturalismo. Tal objetivo de investigação está dentro de uma problemática mais ampla que é o da possibilidade de pontos de convergência e os limites da aproximação entre a psicanálise de Freud e a tradição fenomenológica. Parte-se de um questionamento feito por Luiz Roberto Monzani de que as filosofias que pretenderam diálogo ou aproximação com a psicanálise a deformaram de certa maneira, por submetê-la a adaptações e ajustes a fim de adequá-la àquelas filosofias. Isto é, uma espécie de exploração teórica por parte destas filosofias em diálogo com a psicanálise. Ao mesmo passo, observa-se diversos filósofos ligados ao movimento fenomenológico buscarem diálogo com a psicanálise (De Waelhens, Merleau-Ponty, Sartre, Ricoeur, Michael Henry), embora o próprio Edmund Husserl repudiasse tal aproximação. Com isso, leva-se em conta ainda o argumento de Monzani de que a diversidade de influências de Freud é decisiva para colocar seu naturalismo em perspectiva, i.e., afastando seu naturalismo do legado positivista e mecanicista de seu tempo, na direção do que Richard Simanke chamou de um *naturalismo qualificado*.

**Palavras-chave:** Fenomenologia. Psicanálise. Naturalismo. Freud.

O CONCEITO DE MEIO NA PSICANÁLISE DESENVOLVIMENTISTA DE BOWLBY NO PÓS SEGUNDA-GUERRA

Kaira Neder  
FFCLRP-USP/FFCL-UNESP  
nederkaira@gmail.com

Na perspectiva de Filosofia e História da Ciência de Canguilhem e Foucault, os conceitos de *meio* e *vida* como noções biológicas emergiram entre os séculos XVIII-XIX. Inúmeras descontinuidades perpassaram as definições de meio desde o seu surgimento na mecânica. Deter-nos-emos em duas dessas definições: a do pioneiro da etologia Jakob Von Uëxkull (*Umwelt*), já analisada por Canguilhem, que encontra suas raízes na biologia; e a elaborada por John Bowlby, criador da Teoria do Apego, de caráter híbrido entre psicanálise, etologia e teorias comportamentais. A aproximação de Bowlby com a etologia (com o intuito de promover a psicanálise a um estatuto “mais científico”) e a relação de ambos os teóricos com Konrad Lorenz nos autorizaria uma análise comparativa. Essa análise poderia ser útil ao avaliar a hipótese aviltada por Nikolas Rose: a de que no período do pós-guerra, com a difusão da psicanálise em órgãos governamentais, na mídia e serviços de saúde infantil, o que antes nos discursos sobre o meio ideal da criança se resumia ao ambiente físico e aos cuidados corporais passou a abranger também prescrições sobre aspectos socioemocionais e psíquicos do meio de desenvolvimento da criança. Teria Bowlby expandido de modo indireto (pelo contato com Lorenz) a proposição de ciclos funcionais de Uexküll (do habitat, da nutrição, do inimigo, do sexo) ao propor a existência de um sistema comportamental de apego (ciclo afetivo)? É sabido que Bowlby buscou na etologia argumentos para contrapor uma questão psicanalítica (hipótese freudiana do *cupboard love*) e “substituir” a teoria do *Trieb* freudiano. Em que medida a incorporação de um ciclo funcional de apego - um componente temático derivado da teoria psicanalítica - nos forneceria pistas da transformação sobre as teorias sobre a interação organismo-meio no contexto do pós-guerra? Uma análise conceitual de ambas as teorias poderia suscitar contribuições nesse sentido.

**Palavras-chave:** Infância. Meio. Psicanálise.

## **CORPO E EGO NA TEORIA DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL DE RENÉ SPITZ**

*Michelle Vianna Goliath*  
*UFJF*

*michelle.goliath@ich.ufjf.br*

*Richard Simanke*

*UFJF*

*richardsimanke@uol.com.br*

A teoria do desenvolvimento de René Spitz foi uma das primeiras a descrever os marcos desenvolvimentais observáveis no meio psicanalítico. No entanto, sua presença vem desaparecendo dos currículos acadêmicos. Frente a isso, está comunicação objetiva o resgate da teoria do desenvolvimento de Spitz, por meio da descrição de suas contribuições, contexto histórico e conceitos. R. Spitz foi um dos expoentes da escola da Psicologia do Ego, que tinha como fundadora Anna Freud. A teoria do desenvolvimento proposta por ele, apesar de guardar semelhanças com os autores da Psicologia do Ego, tem suas particularidades, principalmente por ter derivado de uma metodologia que objetivava aproximar-se da Psicologia Experimental. O desenvolvimento, para Spitz, começa a partir do nascimento, na fase de não diferenciação, e passa por três organizadores da psique, sinalizados pela resposta sorriso (que ocorre dos 3 aos 6 meses de idade), a ansiedade dos oito meses (dos 6 aos 8 meses de idade) e o uso correto do não (dos 12 aos 18 meses). Esses organizadores são marcos do desenvolvimento que evidenciam o aparecimento de capacidades específicas a cada uma das fases propostas. O papel do corpo nesse processo de desenvolvimento é tão importante quanto as relações objetais gradualmente adquiridas pelo bebê, sendo descritos e colocados em foco a cada fase apresentada. Tais ganhos corporais são essenciais no processo de aquisição da linguagem. Spitz identifica, ainda, o desenvolvimento com uma formação inicial do ego, desde o narcisismo primário à possibilidade de relação com objetos. A teoria proposta por ele abarca do nascimento até os 18 meses de idade, quando se estabelece o terceiro organizador da psique, a capacidade de comunicação gestual e/ou verbal.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento Infantil. História da Psicanálise. René Spitz.

## APEGO: TEORIA PSICANALÍTICA (?)

*Michelle Vianna Goliath*

*UFJF*

*michelle.goliath@ich.uff.br*

*Richard Simanke*

*UFJF*

*richardsimanke@uol.com.br*

Edward John Mostyn Bowlby (1907-1990), psiquiatra e psicanalista inglês, era parte de um grupo de pesquisadores e clínicos ditos “independentes”, por não se filiarem às correntes anna-freudianas ou kleinianas. O autor defendia que o meio ambiente tinha maior influência na formação da psique dos indivíduos do que se reconhecia nos círculos psicanalíticos, mais preocupados com impulsos e fantasias e menos com a realidade propriamente dita. Bowlby rejeitava as explicações da Psicologia do Ego em relação à conexão da mãe com o bebê, que seria proveniente da alimentação e da satisfação de outras necessidades – o que ele denomina jocosamente de *cupboard love*. Segundo ele, a relação com a mãe, ou o apego à mesma, seria algo inato, pois esta proximidade forneceria originariamente proteção contra predadores, e reconhecer sua origem evolucionária seria fundamental para sua compreensão. Por seu trabalho, recebeu muitas críticas de psicanalistas ao longo dos tempos. O argumento mais repetido era de que Bowlby teria interpretado errado conceitos psicanalíticos fundamentais, principalmente em seu trabalho sobre o luto infantil. Alguns dos críticos foram Anna Freud, René Spitz e, mais recentemente, Otto Kernberg. O conhecido médico de Freud, Max Schur, criticava também o uso que Bowlby fazia de conceitos etológicos, que segundo ele eram indevidos, uma vez que eram inconciliáveis com a psicanálise, e que o projeto de Bowlby de reescrever a disciplina à luz da etologia era duvidoso. Por outro lado, Bowlby era um autor interdisciplinar, tendo colaborado com cientistas de várias áreas do conhecimento, e mais de perto com os psicólogos Harry Harlow e Mary Ainsworth. Ambos os autores tinham críticas à psicanálise, e por vezes questionaram o motivo de Bowlby ainda utilizar a teoria como base para o *apego*. Ainda assim, Ainsworth, junto à Bowlby, reconheceu o valor da psicanálise para o tratamento de doenças psicogênicas, mas apontava para uma dificuldade de ser usada como base para pesquisas científicas. Uma das críticas de Bowlby a seus colegas psicanalistas era a de que falhavam em buscar evidências robustas que apoiassem as formulações psicanalíticas. Recentemente, tem-se evidenciado o valor do trabalho de fertilização cruzada realizado por Bowlby, que por um lado enriqueceu a própria psicanálise com a etologia, e a etologia com a psicanálise. Considerando-se as questões mencionadas acerca da teoria do apego, o objetivo da proposta de pesquisa a ser apresentada é averiguar se o trabalho do autor pode ou não ser considerado uma teoria psicanalítica.

**Palavras-chave:** Teoria do Apego. John Bowlby. Psicanálise.

## NOTAS SOBRE O CONCEITO DE HOSPITALIDADE

*Amanda Malerba  
Institut für Philosophie da Universidade de Hildesheim/UNIFESP  
unifesp.amanda@gmail.com*

É possível analisar em obras clássicas como a *Ilíada* e a *Odisseia* de Homero de que forma a noção de hospitalidade é importante para a constituição dos valores sociais e individuais da sociedade grega clássica. Foi considerado um traço de civilidade manter a integridade física e social do viajante a ser hospedado, o que demonstra o entendimento da hospitalidade como um ideal homérico de proteção entre o anfitrião e aqueles que não pertencem à sua comunidade. A traição da hospitalidade de Menelau por parte de Paris é um dos argumentos utilizados para o início da Guerra de Tróia (I, vv. 148-171). Em um episódio (VI, vv. 215-231), Glauco, guerreiro lício aliado dos troianos, encontra Diomedes, um herói aqueu, no meio do campo de batalha e eles dialogam antes de lutar. O diálogo é inspirador para a pesquisa sobre políticas de hospitalidade e integração, pois ambos os guerreiros decidem não brigar, uma vez que suas famílias já foram aliadas e prometem que serão anfitriões um do outro no futuro. Dessa forma, o legado da hospitalidade revela-se como a solução de um conflito ao possibilitar que dois indivíduos reconheçam suas diferenças e semelhanças, além de seus desejos de receber, entreter e abrigar um ao outro. Por esse motivo, a pesquisa buscará investigar o conceito de hospitalidade em relação das imagens criadas sobre a figura do estrangeiro, relacionando a genealogia do termo hospitalidade ao pensamento de Sigmund Freud, no que tange a questão da formação da identidade individual e, conseqüentemente, a identidade nacional. De acordo com Freud, enquanto os sujeitos constroem suas personalidades identificando-se com aspectos que fazem parte de um coletivo, eles também identificam aspectos que não fazem parte de tal coletivo ao qual eles pertencem e os classificam como “outros”.

**Palavras-chave:** Hospitalidade. *Ilíada*. Freud.

## O ROMANCE FAMILIAR EM FREUD E RANK

*Ana Tércia Rosa Alves*  
*UFMS*  
*ana.tercia@ufms.br*

O texto "O romance familiar dos neuróticos", de Sigmund Freud, foi publicado primeiramente no livro "O mito do nascimento do herói" de Otto Rank em 1909, sem título e sequer formava uma seção separada, ele apenas foi incluído no meio do texto do Rank com algumas palavras de agradecimento. Rank, que estava analisando os estereótipos de lendas de heróis e comparando os sonhos cotidianos com os mitos clássicos, afirma em seu livro que Freud estava compartilhando sua experiência no âmbito da investigação psicológica da neurose, apresentando informações importantes a respeito da vida imaginativa das crianças. Rank observa paralelismos entre o romance familiar e o mito do herói, fazendo uma analogia entre o eu da criança e o herói mítico, pois visualizava os mitos como sonhos coletivos que concretizam a realização dos nossos desejos infantis. Portanto, o presente trabalho possui o objetivo de investigar como o romance familiar é apresentado por Freud em seu texto, e como ele será apropriado por Otto Rank, que o utilizará para explicar o "tema do abandono", uma narrativa muito utilizada por mitologias de diferentes culturas, e que foi profundamente analisada por Rank no decorrer de seu livro.

**Palavras-chave:** Romance Familiar. Freud. Rank.

EM BUSCA DA REALIDADE DAS NEUROSES

Lucas Valiati  
UFSCar  
lvaliati@hotmail.com

Ao leitor de Freud, não é surpresa o fato de que o termo Realidade (*Realität*, raras vezes *Wirklichkeit*) seja perene no texto freudiano. Este desempenha um papel articulador desde os primeiros escritos de Freud, os quais envolviam a fundamentação da psicanálise, como *Projeto para uma psicologia (1895)*, até suas derradeiras produções, como no *Esboço de psicanálise (1938)*. Com efeito, ainda que se apresente durante toda a sua obra, o termo não foi conceituado por Freud de maneira propositiva e muito menos recebeu uma circunscrição satisfatória do autor. Assim, não é considerado um conceito objetivamente determinado pelos estudiosos da área. Notamos que a literatura produz e investiga uma série de conceitos relacionados diretamente com a noção de Realidade, como teste de realidade, princípio de realidade, fantasia ou realidade psíquica, não obstante, observamos que investigações diacrônicas sobre a Realidade são raras e a noção de Realidade surge comumente subordinada e restrita em relação a determinados conceitos. Destarte, a presente comunicação tem como objetivo examinar o estatuto da Realidade num primeiro momento de elaboração da psicanálise, isto é, de 1893 até 1897, nas investigações iniciais sobre as neuroses, histerias e o “descobrimento da teoria da sedução”. Portanto, temos como meta investigar o papel que a Realidade exerce neste período do texto freudiano, seja ele de índice concreto do mundo externo, seja ele como uma concepção de realidade psíquica.

**Palavras-chave:** Realidade. Neuroses. Freud. Filosofia. Psicanálise.

## TRANSFERÊNCIA E FIGURAÇÃO: UMA POSSÍVEL APROXIMAÇÃO

Pedro Fernandez de Souza  
UFSCar  
pedrofsouza@gmail.com

O conceito de transferência é central no campo psicanalítico. Nossa palavra “transferência” traduz a *Übertragung* alemã, relativa ao verbo *übertragen* (“transferir”). O campo semântico do termo alemão, contudo, comporta sentidos não abarcados pelo termo português. Nos *Estudos sobre a histeria*, ao descrever as inervações históricas, Freud diz que elas por vezes apresentam, impressa no corpo, uma *bildliche Übertragung* (“expressão figurada”). Pelo dicionário, aprendemos que “em sentido figurado” em alemão pode-se dizer: *im übertragenen Sinn* – literalmente: “em sentido transferido”. Assim, pode-se trabalhar a transferência como uma *figuração*, em sentido retórico. Na *Interpretação dos sonhos*, Freud emprega muito o termo *Übertragung*, não em seu sentido clínico, mas num sentido mais genérico, ao analisar a transferência dos “valores psíquicos” das representações inconscientes que, para escapar à censura, são *deslocados* para outras representações. Autores como Benveniste e Certeau viram em Freud uma revivescência da retórica, pois no trabalho onírico operariam *figuras de linguagem*, transformando o conteúdo latente no conteúdo manifesto do sonho. Num dos sonhos de Dora, o *fogo* representa a *umidade* presente em diversas das suas fantasias inconscientes. Aqui, “fogo” está no lugar de “água”, caracterizando a figura da *antítese* para a retórica; a transferência do valor de “água” para “fogo” seria a criação de uma *figura*, constituinte dos processos oníricos. Pode-se estender isso para a transferência clínica: quando o paciente trata o psicanalista como trataria seu pai, por exemplo, ele está tomando o primeiro pelo segundo, está efetuando uma *figura de linguagem* com ele. É como se o paciente tratasse “fogo” como se ele realmente fosse “água”. Pensando-se assim, podem-se abrir novos caminhos para se pensar a *linguagem* em Freud, pois, diferentemente das figuras da retórica, as figuras da *Übertragung* freudiana se fazem não no discurso falado ou escrito, mas sim *porque algo não pode ser posto em palavras*.

**Palavras-chave:** Transferência. Figura de linguagem. Deslocamento.

## REFLEXÕES PSICANALÍTICAS SOBRE O SUICÍDIO NA IDADE ADULTA JOVEM (20-40 ANOS)

*Elaine Cristina da Fonseca Costa Pettengill*

*UNIGRAN Capital*

*elaine.pettengill@unigran.br*

*Heloísa Bruna Grubits*

*UCDB*

*rf5465@ucdb.br*

Considerada pela literatura como uma fase que requer recursos psicológicos suficientes que permitam atender satisfatoriamente às demandas deste período da vida, comportamentos e habilidades ainda não conquistados em etapas anteriores do desenvolvimento podem vulnerabilizar o jovem adulto a desajustes psicoemocionais. Neste estudo, discute-se a partir da Psicanálise, sobre fatores de risco ao suicídio na idade adulta jovem, tendo em vista o alto índice deste evento (mais de 700 mil pessoas anualmente), sendo a quarta maior causa de mortes de jovens de 15 a 29 anos de idade, conforme dados da Organização Mundial de Saúde. Trata-se de pesquisa de Revisão Narrativa cuja discussão do tema em questão se fez a partir de obras clássicas da Psicanálise e trabalhos publicados nos últimos 5 anos. Entre os fatores de risco ao suicídio na idade adulta jovem, evidenciados pela literatura consultada, destacam-se: lutos mal elaborados e patológicos; histórico de tentativa de suicídio e sucessivas experiências do “terror sem nome”; intensos sentimentos de desamparo e ansiedade de separação; impulsividade e instabilidade afetiva; dependência emocional e necessidade de aprovação da família, dificultando ao jovem desfrutar suas conquistas e autonomia; relacionamentos afetivos descritos como tóxicos ou abusivos, com sobrecarga de expectativas e exigências de afeto e proteção infantis atualizados na relação com o (a) parceiro (a). Estas relações afetivas tendem a fragilizar a saúde mental do adulto jovem expondo-o ao suicídio como forma de obtenção de alívio para seu sofrimento. Conclui-se que o risco de suicídio nesta faixa etária é resultado de uma complexa rede de fatores que se entrelaçam e vulnerabilizam o sujeito a este tipo de ocorrência, como aqueles que podem ser compreendidos e situados a nível da qualidade das relações afetivas e das condições para o desenvolvimento da personalidade ao longo da infância e da adolescência.

**Palavras-chave:** Adulto Jovem. Psicanálise e Suicídio. Saúde mental e Psicanálise.

## EU FALO...: MATERIALISMO DA LINGUAGEM E SATISFAÇÃO SEXUAL

*Davi Dias Ribeiro Arantes  
PPGFil UERJ/CAPES  
davidias0102@hotmail.com*

Quando Lacan, n'O seminário XI, menciona que: “por enquanto, eu não estou trepando, eu lhes falo, muito bem!, eu posso ter a mesma satisfação que teria se eu estivesse trepando”, aí está uma das questões centrais da psicanálise lacaniana, que impacta na medida em que coloca a satisfação na fala como (exatamente) igual à satisfação sexual, em última instância, sendo ela mesma sexual. Essa afirmação está de encontro com a formulação de que o inconsciente pensa, e é nesse sentido que Zupančič elege como problema filosófico (e psicanalítico) a questão: o que é sexo? A satisfação na fala implica uma racionalidade, e isso não significa rebaixamento da atividade intelectual, mas, pelo contrário, uma compreensão da sexualidade como atividade intelectual. Por isso, há satisfação sexual quando “eu falo...”. O falo em Lacan (significante que permite a homofonia e homografia com a conjugação do verbo falar, na língua portuguesa), por sua vez, pode ser compreendido como ponto essencial para pensar o campo do simbólico, e a linguagem, e ocupa um lugar de negatividade nessa ordem. Assim, propõe-se a reflexão, a partir do ensino de Lacan e sua abertura para com a filosofia, aqui mediada por autores da Escola Eslovena, um materialismo da linguagem (e do simbólico) tomando como partida a reflexão sobre satisfação sexual, ou seja, pensar o que é o sexo, a partir de Lacan, e suas relações materialistas com a linguagem. Alguns exemplos podem servir para pensar as hipóteses do sexo como atividade racional e a relações materialistas com a linguagem. O primeiro é a imagem do bebê que chupa o polegar, o porquê de ser vista como sexual está justamente na razão de que se trata de uma atividade elaborada somente pelo prazer, não há representação; outro exemplo está nas obras de Freud, quando relata o esquecimento do nome próprio Signorelli, e, resumidamente, percebe-se que o que é reprimido altera a lógica e aparência do que é falado, mas não interrompe a cadeia significante. Sugere-se então que há uma falta constitutiva da ordem simbólica, percebida na linguagem, uma falta, nos termos de Lacan, do significante da relação sexual, que ordena positivamente, pela negatividade, o que se manifesta no campo. Por fim, Hegel pode contribuir, como Žižek aponta, ao oferecer meios de pensar um materialismo desmaterializado, com uma alteridade radical, externo ao sujeito e de determinações conceituais, de modo que não se alcança uma estrutura pura, última e totalmente realizada.

**Palavras-chave:** Materialismo. Linguagem. Sexo.

# ÍNDICE REMISSIVO

## Índice Remissivo

- Amor, 47, 55  
Analidade, 68  
Analítica existencial, 49  
Animismo, 34  
Anticolonialismo, 71  
Antropologia Psicanalítica, 52, 53  
Apagamento, 70  
Aparelho Psíquico, 32, 73, 74  
Arte, 62  
Ateísmo, 46  
Atividade, 30, 37, 87  
Ato, 22, 24, 47, 66, 75  
Passagem a ato, 22  
Autorreflexão, 57  
Badiou, A., 55  
Bergson, H., 31  
Bowlby, J., 79, 81  
Brasil, 26, 27, 29, 52, 53, 54, 70  
Breuer, J., 63  
Canibalismo, 34, 66, 75  
Caráter, 44, 46, 57, 68, 69, 71, 74, 75, 79  
Ciência, 27, 31, 42, 45, 56, 62, 77, 79  
Ciências Humanas, 27, 48, 62, 64  
Civilização, 33, 69, 71, 73, 75  
Clínica, 22, 24, 25, 37, 43, 54, 55, 62, 68, 85  
Teoria da clínica, 29  
Complexo de Édipo, 33, 47, 75  
Contingência histórica, 54  
Conversão, 38  
Corpo, 30, 38, 39, 40, 61, 65, 72, 80, 85  
Esquema corporal, 39  
Crianças sobreviventes, 36  
Cultura, 35, 36, 47, 70, 75, 83  
Trabalho da Cultura, 52, 53  
Teoria da Cultura, 69  
Decolonialidade, 52  
Decolonialismo, 70  
Deleuze e Guattari, 33  
Desejo, 29, 32, 36, 39, 56, 66, 68, 72, 82, 83  
Desenvolvimento Infantil, 80  
Devir-outro, 34  
Direito, 56  
Discurso, 28, 40, 42, 49, 56, 60, 63, 72, 79, 85  
Dualismo, 31, 73, 74  
Epistemologia, 36, 60, 64  
Epistemologia da Psicanálise, 62  
Escola de Schopenhauer, 46  
Estrutura, 39, 40, 43, 56, 57, 68, 69, 70, 72, 87  
Ética, 29, 46, 54, 56, 66, 68  
Fenichel, O., 67  
Fenomenologia, 38, 60, 78  
Feuerbach, L., 44, 45  
Filosofia, 26, 27, 42, 58, 61, 65, 69, 72, 76, 77, 84  
Filosofia brasileira da psicanálise, 48  
Filosofia da Ciência, 27  
Filosofia da psicanálise, 26, 48, 56, 58, 69, 76, 77  
História da recepção filosófica da psicanálise, 58  
Freud, S., 25, 30, 44, 63, 65, 68, 78, 82, 83, 84  
Gênero, 22, 29, 37, 61, 66, 75  
Transgeneridade, 37  
Transgênero, 22  
Gozo, 40, 72  
Histeria, 38, 48, 63, 84, 85  
História conjectural, 32  
Holocausto, 36  
Hospitalidade, 82  
Identidade, 22, 37, 72, 82  
Identificação, 34, 37, 47, 55, 72  
Ilíada, 82  
Ilusão, 34, 44, 45  
Infância, 46, 79, 86  
Interditos, 56  
Interpretação, 24, 25, 57, 60, 69, 85  
Kestenberg, J., 36  
Lacan, J., 28, 29, 35, 42, 43, 48, 49, 51, 55, 56, 72, 87  
Lei, 42, 56  
Linguagem, 24, 28, 40, 42, 49, 56, 72, 80, 85, 87  
Deslocamento, 85  
Figura de linguagem, 85

Jogos de Linguagem, 27  
 Löwenthal, L., 59  
 Luto, 61, 81, 86  
 Marcuse, H., 69, 76  
 Masoquismo, 75  
 Masoquismo moral, 75  
 Masoquismo originário, 73  
 Materialismo, 87  
 Materialismo-dialético, 67  
 Meio, 79  
 Melancolia, 37, 61  
 Merleau-Ponty, M., 39, 77, 78  
 Metapsicologia, 29, 34, 49, 69  
 Método, 25, 34, 49, 62, 64, 70, 77  
 Metodologia, 71, 80  
 Monismo, 31  
 Monzani, L. R., 12, 26, 78  
 Motivação Profunda, 52, 54  
 Movimento psicanalítico, 24, 58, 67  
 Mulher, 36, 48, 55  
 Narcisismo, 33, 55, 80  
 Naturalismo, 78  
 Nazismo, 36  
 Neuroses, 84  
 Ontologia, 35  
 Perspectivismo ameríndio, 33  
 Pessimismo, 46  
 Política, 40, 54, 56, 61, 72, 82  
 Pornografia, 40  
 Projeto de uma Psicologia, 25, 34, 65  
 Projeto para uma psicologia, 84  
 Psicanálise, 24, 25, 26, 29, 35, 36, 39, 43, 47, 54, 56, 57, 60, 64, 66, 67, 69, 70, 71, 77, 78, 79, 81, 84, 86  
 História da Psicanálise, 24, 58, 80  
 Praxiologia da Psicanálise, 27  
 Psicologia, 25, 31, 34, 65, 67, 70, 77, 80, 81, 84  
 Psyché-soma, 31  
 Pulsão, 30, 57, 73, 74, 76  
 Pulsão de Morte, 22, 73, 74, 76  
 Pulsão de Vida, 73  
 Rank, O., 83  
 Razão, 42, 45, 66, 87  
 Real, 28, 40, 42, 43, 50, 64  
 Realidade, 31, 44, 47, 48, 59, 64, 66, 81, 84  
 Reich, W., 67, 68  
 Religião, 44, 45, 46  
 Representação, 37, 74, 87  
 Ricoeur, P., 60, 78  
 Romance Familiar, 83  
 Saúde mental, 86  
 Servidão, 47, 56  
 Sexualidade, 32, 44, 46, 61, 65, 87  
 Sexo, 40, 79, 87  
 Silveira, L., 48  
 Simbólico, 28, 42, 44, 53, 87  
 Ordem simbólica, 56, 87  
 Símbolo Pessoal, 52, 53  
 Sintoma, 38, 46, 70  
 Spitz, R., 80, 81  
 Suicídio, 22, 86  
 Sujeito, 28, 40, 44, 45, 56, 60, 64, 71, 72, 82, 86, 87  
 De-subjetivação, 28  
 Sujeito descentrado, 28  
 Teoria Crítica, 57, 76  
 Teoria da evolução, 32  
 Teoria do Apego, 79, 81  
 Tradução, 24, 29  
 Transferência, 34, 39, 55, 85  
 Contratransferência, 37, 54  
 Verdade, 37, 42, 45, 46, 49, 55, 63  
 Vulnerabilidade, 61

